

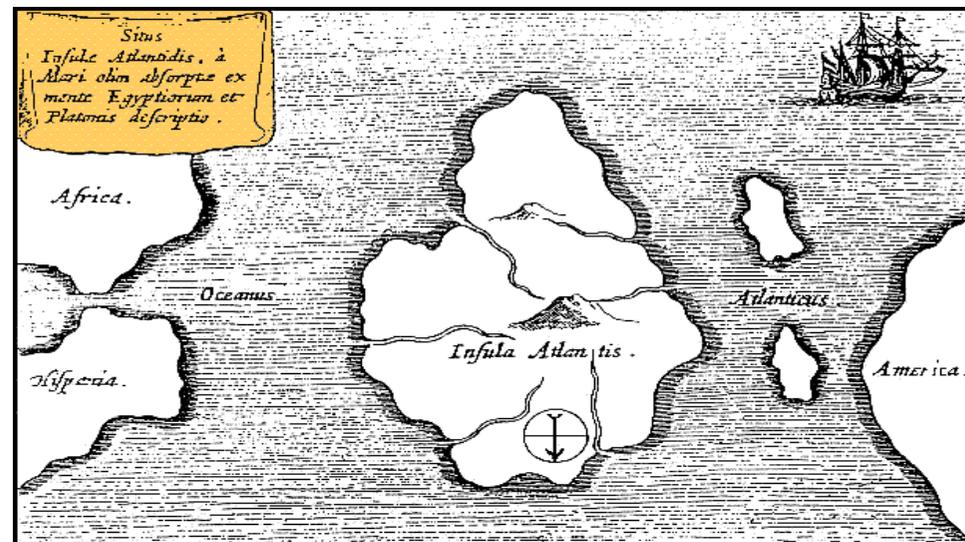
CADERNOS DE ESTUDOS

AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO # 23 - edição março 2014

DEDICADO A Tomaz Borba Vieira



CADERNO # 23 - edição março 2014

DEDICADO A Tomaz Borba Vieira

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia - (Chrys Chrystello editou este número)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

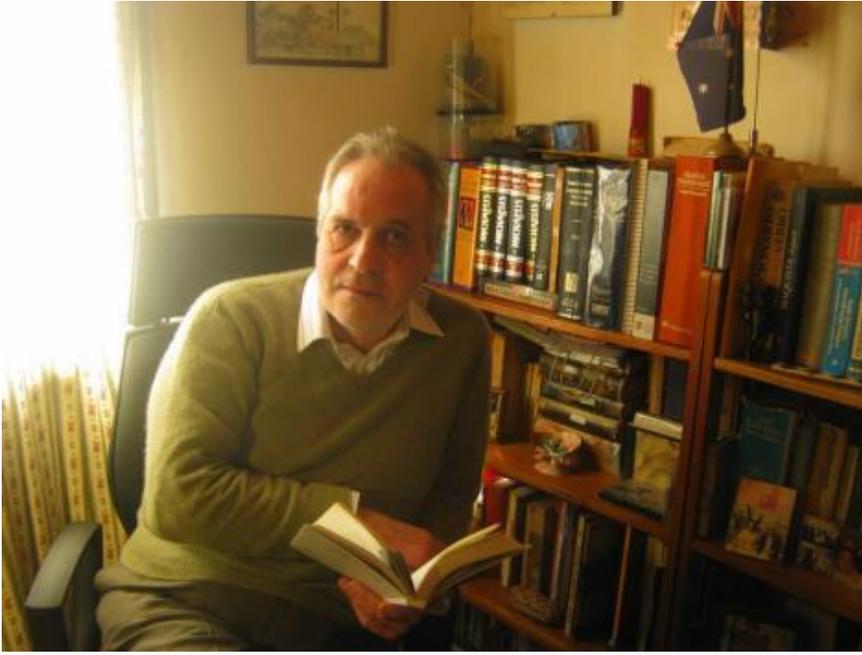
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto fevereiro de 22**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt, Norberto Ávila, Álamo de Oliveira e Eduardo Bettencourt Pinto, além de nomes incontornáveis como, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Victor Rui Dóres, José Martins Garcia, Joana Félix, Zé Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo (nome artístico do pintor e escritor Vasco Pereira da Costa) e **hoje ao pintor e escritor TOMAZ Borba Vieira. Terminamos assim a série dedicada a 3 artistas plásticos.**



Tomaz Borba Vieira (Ponta Delgada, 1938) é um professor, pintor e escritor açoriano.

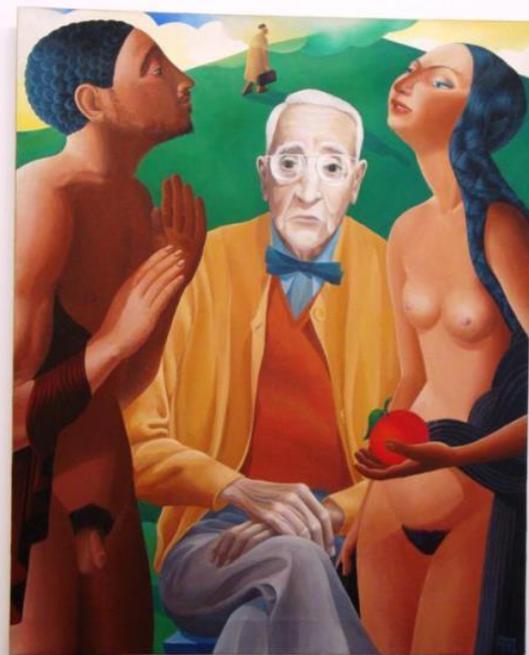
Estudou pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e na Academia de Belas Artes de Florença, pedagogia na Universidade de Lisboa e ciências da educação na Universidade de Boston.

Para além de pintor, mantém colaboração em diversas revistas e jornais, tendo publicados livros de contos e uma novela. Foi fundador do CASTELO, Centro Cultural da Caloura, na ilha de São Miguel.

A sua obra pictórica está representada em diversos museus. Recebeu a Medalha de Mérito Municipal da Câmara Municipal de Lagoa, o Diploma de Mérito Municipal da Câmara Municipal

de Ponta Delgada e a Insígnia Autónoma de Reconhecimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Representado nos Museus de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Fundação Gulbenkian, foi docente do Ensino Técnico, Preparatório (Fundação e implementação dos novos programas), Secundário e Superior (Escola superior de Belas Artes de Lisboa), formador de professores, instalador e dirigente do Centro Integrado de Formação de Professores da Região Açores.



NOTA DO EDITOR: AGRADECEMOS AO AUTOR A CEDÊNCIA DOS SEUS LIVROS QUE FORAM DIGITALIZADOS PARA ESTA EDIÇÃO BEM COMO PARTE DAS GRAVURAS EXIBIDAS.

Bibliografia

(1996) *Tomaz Vieira, textos de António Bento Fraga Barcelos et al*, ed. Governo da Região Autónoma dos Açores.

(2000). *Herdar Estrelas*. Novela. Lisboa, ed. Salamandra

(2001). *Degrau de Pedra*, contos. Ilustrações de Luís França. Lisboa, ed. Salamandra

(2008). *O Carcereiro da vila e outras histórias*. Ponta Delgada. Artes e Letras

(2012). *Navegação interior, pequenas histórias*. Ponta Delgada. Publiçor

(2013). *Tomaz com Z, a história de uma vida feliz*, por Teresa Viveiros. Ponta Delgada. Letras Lavadas

(2013). ilustrações de *Uns mais e outros menos* de Vanessa Branco. Ponta Delgada. Letras Lavadas

(2014). *Navegação interior, pequenas histórias*. Ponta Delgada. Letras Lavadas

(2016), *Caminhos do ser – paths of being*, Duarte Espírito Santo Melo, José Maria de França Machado, trad. Sara Maio, Ponta Delgada, SREC DRC, ISBN 978-972-647-329-9

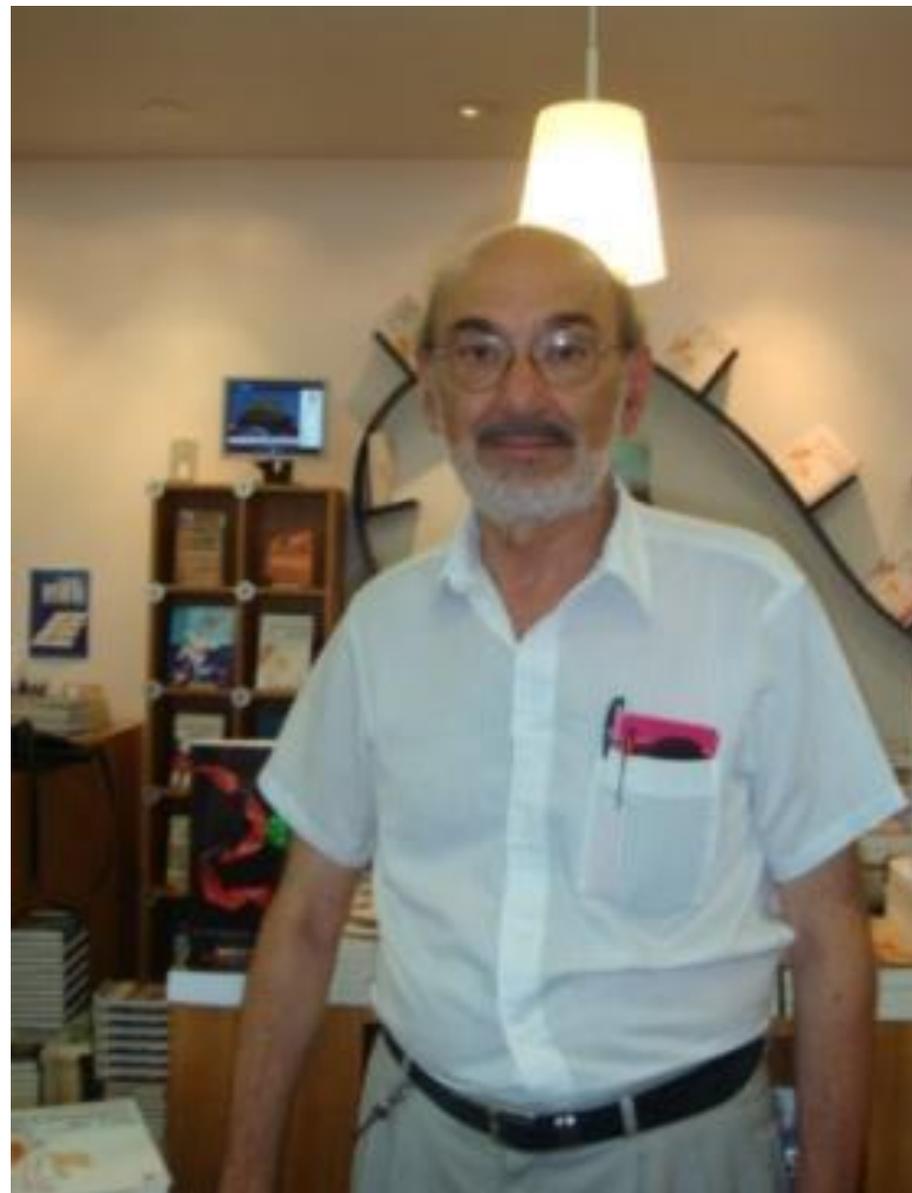
(2016), *Pernalta*, exposição, livro e vídeo, ed. Letras Lavadas

(2020) *Lado de cá (contos)*, ed. Letras Lavadas

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



TOMAZ, A MULHER, LELIA NUNES E DANIEL DE SÁ



TOMAZ BORBA VIEIRA
**HERDAR
ESTRELAS**

Ilustrações de LUÍS FRANÇA



Herdar Estrelas

A pessoa mais importante da minha vida foi o meu avô Manuel Mentiroso. Era como que o chefe dos anciãos da nossa aldeia e desempenhava honrosas funções vitalícias de Mordomo do Império do Divino Espírito Santo. Também organizava a excursão de camioneta para o piquenique que anualmente se cumpria no mês de Agosto.

Mentiroso - rigorosamente dito "mintiroso"- foi alcunha que toda a família herdou desse ilustre avô. Agora eu é que sou Manuel Mentiroso porque também lhe herdei o nome, além da alcunha. Quando começaram a chamar-me assim, mal sabiam que nada do que estou para aqui a escrever é verdade.

O meu avô era pedreiro de profissão. Porém, quando eu vim a este mundo já ele era capataz da Junta, com estatuto social de funcionário público. Fartava-se de trabalhar fora do emprego. Arranjava

sempre pequenas obras particulares que executava, tanto durante as horas de expediente como à tarde, entre o encerramento diário das repartições e a sempre tardia hora da ceia. Ganhava assim mais algum dinheiro com que subsidiava o aparato de assumida autoridade local. Chegava a casa estafado, lavava-se, comia e sentava-se num enorme maple da sala a contemplar a restante mobília. Eram móveis luxuosos. Orgulhava-se muito do bom negócio que lhe proporcionou possuir tais objectos iguais aos que só conhecia do cinema. Comprou a mobília da sala por tuta e meia, apenas com a aplicação de uma pequena parte das economias que destinava a suportar aparências prosaicas.

Todos os anos, mal tinha passado o Inverno e o tempo prometia estar de feição com garantias de não chover, o meu avô trazia para o meio da rua a exuberante mobília que mal cabia dentro de casa. Em plena via pública instalava o terno de dois cadeirões forrados a tecido enramado, com braços arqueados em madeira e o respectivo sofá a condizer. Vinha também a banquinha, uma pequena mesa de pernas arqueadas que ficava em frente ao sofá, com uma jarra e uma flor. Completava o conjunto, um candeeiro de pegão de madeira torneada e abat-jour bordado, que tombava com o breve sopiro da mais suave brisa. O próprio candeeiro tomava balanço e desmaiava à passagem de quem tropeçasse no enorme fio que o ligava à

tomada de corrente eléctrica instalada a meio da parede da cozinha.



Naquele cenário a céu aberto, o meu avô descansava feliz com tanto conforto como um rei nos jardins românticos do melhor palácio. Era o dono da aldeia. Aliás, não se tratava propriamente duma aldeia. Na realidade era apenas uma pequena rua rectilínea, estreita e sombria, que ficava nos limites da cidade, antes de se chegar aos subúrbios.

O meu avô era, isso sim, como que um chefe, um "leader".

Se o vizinho Mateus já estava em casa e já tinha aconchegado o velho automóvel de praça na garagem, o meu avô descansava tranquilo na sala campal porque não havia mais trânsito naquela rua.

Vivia-se uma penúria geral, como rescaldo da Segunda Grande Guerra. Não se avistava dinheiro, nem em nota nas mãos de graúdos, nem em cobres para os outros. Toda a indústria estava arruinada. A produção de viaturas civis estava suspensa e não se fabricavam peças e acessórios para os veículos antigos. Poucos eram os automóveis que não estavam reduzidos a sucata.

O vizinho Mateus tinha imenso trabalho com a manutenção do velho "Ford A" com que ganhava a vida a fazer fretes baratos. O carro passava dias inteiros retido na garagem, enquanto ele colava os pneumáticos com remendos sobre remendos. Quando a borracha não aguentava mais colagens, entalava restos de panos entre as lonas curtidas dos pneumáticos e as apodrecidas câmaras de ar. A complicada operação, por regra, não era bem sucedida à primeira vez. Eram momentos de grande desânimo para o vizinho Mateus. Irritava-se, bufava, blasfemava e culpabilizava os mirones. Corria connosco a pontapé, da porta da garagem para muito longe.

Quando ele acalmava, o nosso grupo de miudagem que gostava tanto de ver o automóvel, não tardava em regressar. Depois, lá o víamos partir. Tornava-se emocionante pormo-nos de cócoras no meio da rua, para o ver afastar-se sobre o rolar ovalizado e empenado das rodas cheias de emplastos. Dava ainda mais prazer observar o carro do que correr atrás dele. A sonorização do escape de gases era agradável, bem ritmada apesar do motor funcionar com uma mistura clandestina que tinha mais petróleo de iluminação do que gasolina. Só se deixava de o ouvir muito tempo depois de desaparecer.

O recurso a combustível mais barato era a única maneira de o vizinho Mateus poder sustentar aquela máquina humanizada. Ele falava do automóvel com tanto carinho como se, de facto, de um humano se tratasse. Até falava com o próprio carro. Falava-lhe a bem, quando andava à volta dele a inspeccionar, a reparar ou a limpar. Também era capaz de ralhar e chegar ao insulto. Quando o motor teimava em não pegar, transpirava de tanto manivelar e gritava enraivecido, "pega, pega-te, pega-te raio!" O carro pegava condescendentemente, no ritmo lento de uma rotação baixa. Aguardava que a mão do dono alcançasse a ponta do cabo do acelerador, junto ao carburador exposto sob a tampa aberta do "capot". Então, respondia àquela sábia maiêutica e roncava submisso, com quantas forças lhe restavam.

Era uma honra para o meu avô que alguém de elevada condição social se sentasse a falar com ele ali na sala, no meio da rua. O senhor Eduardinho, que era o habitante mais rico da aldeia e morava numa casa que não se via, nunca lhe deu esse prazer. A casa ficava lá dentro do jardim de que só se avistavam as copas das árvores, por detrás do muro alto. Para que o portão se abrisse, era preciso puxar a ponta de corda que fazia badalar um sino que se ouvia em toda a parte. O meu avô ia lá uma vez por ano, sempre com redobrada cerimónia, para cobrar a quota da pensão do Divino Espírito Santo, e nada mais.

Os humildes mostravam-se reconhecidos quando eram convidados a instalarem-se no acampamento do meu avô. Era como se fossem recebidos na tenda de um sultão. O estatuto económico da nossa família era o dos remediados, embora o sofá e os maples tivessem vindo do leilão da messe das tropas americanas. Nesse tempo, minha avó não se dava lá muito bem com a nora Leopoldina, que era a minha mãe. Fizeram um pacto de tréguas para pôr mãos à obra na renovação da mobília.

O tecido para as forras foi comprado, com desconto especial, na loja do vizinho Aureliano que morava numa das poucas casas altas com varandins de ferro fundido pintados a pamponilha de alumínio. Era um comerciante próspero e foi precursor das

técnicas de "marketing", ao inventar um slogan publicitário para o negócio da loja de fazendas que possuía noutra rua, lá mais para a cidade. O slogan era apenas "fogo à peça", palavras que pronunciava levantando o braço em jeito de saudação a quem passava por ele na rua. A convicção do gesto era a mesma da continência hitleriana que nos ensinavam na Mocidade Portuguesa, embora o vizinho erguesse o braço um pouco dobrado pelo cotovelo, com a palma da mão voltada para cima.

Tanto quando vinha almoçar, como à tarde quando regressava da loja, o senhor Aureliano subia a rua a saudar todos os transeuntes com o seu slogan. O meu tio João Mentiroso era empregado numa loja que ficava para o outro lado da cidade e gostava menos de trabalhar do que de aproveitar todas as oportunidades para se divertir. Como tinham os mesmos horários, o vizinho Aureliano e o meu tio surgiam quase sempre ao mesmo tempo, cada qual numa extremidade da aldeia. Logo que se avistavam, o meu tio desatava aos gritos, "fogo, fogo, fogo à peça". O outro respondia triunfante e o tio João alternava as sucessivas repetições da saudação, com redobradas gargalhadas, até que ambos atingissem as portas das respectivas moradas. Estas gritarias anunciavam, a todo o povo da aldeia, as horas de almoço e de jantar.

O senhor Aureliano dedicava especiais

saudações às vizinhas que se distribuíam por janelas e cancelas ao longo da aldeia. Tratava-as, uma a uma, pelos nomes próprios, “fogo à peça, dona Antónia”, “fogo à peça, dona Sara” e por aí adiante, ao longo de cerca de uma dúzia de gordas senhoras de meia-idade que repousavam ostensivas protuberâncias nos parapeitos das janelas. Eram sempre as mesmas. Assumiam, como missão, a maior avidez de novidades e total eficácia na divulgação de escândalos e segredos.

A única janelreira que era jovem era a Mariana e a única que não era gorda era a dona Victória Marques. As janelas de ambas ficavam do mesmo lado da rua.

A Mariana era hóspede da viúva Alzira. Tinha vindo de longe para frequentar estudos secundários, mas dedicava todo o tempo a namorados que, por desconhecido mistério, eram sucessivamente substituídos sem protestar. A dona da casa raras vezes aparecia fora da pequena habitação de porta e janela. Só era vista em ocasiões especiais e cultivava um ar de solenidade. Apareceu comovida e a apregoar a desgraça, no dia em que o noticiário da Emissora Nacional difundiu uma notícia que enlutava o mundo da cultura: Toscanini tinha falecido. Puxou a Mariana para dentro porque a janela era precária e ambas eram gordas. Esgueirou-se, quanto pôde, pela escassa abertura e anunciou a triste notícia para as janelas, aldeia fora, e para quem mais por ali andava. “Morreu Toscanini. Certamente

algun primo do meu falecido Toscano, que também foi músico, contra-baixo da Banda do Regimento”. Retirou-se comovida e manteve sempre a altivez do orgulho por aquele parente que teve direito a passamento solene, noticiado pela rádio.

Ninguém levava a sério esse parentesco com o tal Toscanini, mas estava instituída a devida tolerância para pequenas fantasias com que cada um pudesse alimentar inofensivos sonhos. Só os Faceiras, que eram os mais pobres da comunidade, se riam com descaramento de quaisquer prosápias e bazófiias que conseguissem surpreender onde quer que fosse. Tinham o aspecto de estarem sempre à procura dos pontos fracos de cada um, de modo especial das fraquezas dos mais fortes. Parece que, como estratégia de sobrevivência, tinham de não perdoar nada a ninguém. Era uma família obsessivamente presente. Sempre todos sentados à porta de casa, eram temidos pelo vernáculo da falácia. Falavam muito alto, aos gritos, mesmo quando não estavam à briga uns com os outros, que era o mais frequente. Uma das irmãs era muito bonita, toda repleta dos melhores atributos para uma perfeita silhueta feminina e tinha uma voz estridente, poderosa. O irmão mais velho era paralisado. A velha bruxa parteira amadora que o puxou para este mundo, além de exigir uma garrafa de aguardente como “preparo”, entendia que todos tinham de lhe obedecer com prontidão. Como a parturiente se

demorava a expelir aquela nova vida e a aguardante já ia no fim, o rapaz foi puxado pelas pernas com violência. Quando chegou a este mundo já estava desgraçado para sempre. Tornou-se homem e a irmã, que o envolvia numa estranha dedicação excessiva, não queria que ele se afastasse dali de ao pé da porta de casa. Quando dava por falta do irmão, por ele ter conseguido fugir rastejando rua abaixo, gritava com tal força que ele tinha de ouvir onde quer que estivesse, "Vencelááá". Ninguém se atrevia a intervir durante essas crises de histerismo. Mais tarde percebi que ele era Venceslau. Era bonito, perfeito de cara como diziam as raparigas, e via-se que não era indiferente ao mulherio. Acentuava, de duas maneiras, a flagrante parecença que tinha com Clark Gable. Cuidava o desenho do corte do bigode e mantinha a popa de cabelo segura no alto da testa à custa de pasta de sabão. Bronzeado pelo sol que lhe banhava a casa e a cara durante as tardes de tempo calmo, olhava frontalmente como que a demonstrar domínio sobre a tragédia. Quando lhe foi cedida uma cadeira de rodas azul, com as iniciais da Comissão Distrital de Assistência pintadas a branco em grande formato, passou a ser mais bem sucedido nas fugas. Não lhe faltava a força braçal para manivelar numa espécie de pedais de bicicleta colocados quase à frente da cara e que transmitiam andamento, através duma corrente, à roda dianteira do insólito triciclo. Essa

máquina estranha foi a sorte de toda a família. Numa das fugas à irmã, Venceslau encontrou uma americana fã de Clark Gable. Na impossibilidade de se doar ao ídolo, a rapariga satisfez-se com aquele "duplo", dada a flagrante semelhança que de imediato reconheceu na cara do paralítico. Foram todos para a América, até os pais que já eram velhos. A irmã encontrou lá outro velho, mas esse era rico. Casou com ela e ficou muito bem servido de mulher.

A dona Victória Marques, além de não ter corpo para espalmar no parapeito da janela, não tecia comentários brejeiros a propósito das vidas privadas dos habitantes da aldeia ou das figuras de estranhos que passassem na rua. Ouvia com atenção as mensagens que se cruzavam entre as janelas, sabia de tudo, mas fazia-se desinteressada. Era nem mais nem menos do que... viúva de um inventor! Só usava a janela do seu quarto que era a única do primeiro andar. Evitava abrir a do rés-do-chão, que dava para o laboratório do falecido marido, porque, sem demora nos debruçávamos de fora para dentro, com a curiosidade de devassar aquele fantasmagórico bricabraque. Um dia prometeu que o sobrinho havia de mostrar-nos os segredos que ali estavam guardados. Seria numa tarde de domingo que, de semana a semana, parecia estar cada vez mais distante. Quando finalmente chegou o ambicionado momento de entrarmos naquela

gruta de mistérios, tivemos de formar em fila indiana e entrar um a um “com calma, muito cuidado e ninguém empurra”.

O sobrinho do falecido inventor anunciou que ia desvendar grandes novidades, mas nós ficámos completamente desiludidos, logo com a primeira demonstração. Foi preciso esperar uma eternidade para que, com o lume de uma pequena lamparina de álcool, conseguisse levar à ebulição a água de uma retorta de vidro que estava ligada a um tubo com muitas voltas. O ambiente era sinistro. O sobrinho, a quem era atribuído o excepcional privilégio de manipular aqueles instrumentos sagrados, estava muito nervoso. Fumava sem parar através de uma boquilha de dente de cachalote munida de filtros que o tio tinha inventado e que ele produzia, enrolando entre os dedos, finas aparas de papel de jornal. Hirta, junto à porta, dona Victória reprimia, com um olhar severo, o mais insignificante movimento da rebelde impaciência que, um a um, ia invadindo os corpos de todos nós.

Éramos menos de dúzia e meia de gaiatos porque a criação da aldeia era quase toda feminina. As raparigas eram outra espécie de criaturas. A minha prima Glória gostava de fingir que dava ordens e a Osvalda era desprezada pelas outras. Consideravam-na arrapazada por andar muito bem de bicicleta. A esta rapariga franzina faltava-lhe tanto a comida como qualquer outro conforto para

o corpo ou para a alma. Descobriu a capacidade inata que tinha para se equilibrar em duas rodas no dia em que saltou para cima da bicicleta do Anacleto, cobrador das águas, e desatou a pedalar aldeia fora. Pedalava em pé, não chegava com o rabo ao selim. Mesmo aos ziguezagues para equilibrar lateralmente o balanço de cada pedalada, depressa ganhava velocidade. Tomou-se ladra de bicicletas. Aproveitava a menor distração do Anacleto ou de qualquer outro ciclista para se dar ao prazer da aventura. Só parava de pedalar quando alguém lhe barrava o caminho a pedido do dono do velocípede roubado, que gritava enquanto perdia terreno, em desesperada perseguição a pé.

A Osvalda era a única, entre toda a miudagem, que se sentava na sala do meu avô quando ele trazia os móveis para a rua. Ficava para ali durante horas, sem falar. Nunca tinha pressa de ir para casa e a família nem lhe dava pela falta. Uma noite já tarde, esperou por ficar a sós com o meu avô para lhe fazer uma proposta. “Quer passar a ser meu pai?”; a nova mãe seria uma senhora que nós não conhecíamos nem se sabe se existia. Alguma amargura lhe deu o amadurecimento prematuro que a obrigou a tentar resolver todos os problemas por si própria. Decerto, foi a primeira de todos nós a entrar na idade de começar a ter grandes conflitos consigo mesma e a abandonar a fluidez da infância, através das primeiras incómodas questões sobre a



própria existência. Osvalda deixou de roubar bicicletas quando decidiu profissionalizar-se em técnicas de "abafar" géneros úteis de levar para casa.

Já não sei os nomes da maior parte das outras raparigas. Eram seres estranhos, umas gordas, outras magras, mas todas iguais no peculiar modo de correr com os joelhos juntos e os pés atirados para fora. Quase todas eram também iguais na postura de manifestarem absoluto desprezo pelos rapazes. Davam uma certa inclinação à cabeça, através de um inequívoco abanão; olhavam vagamente como se não nos vissem; expressavam desdém através dum jogo de subtil assimetria facial, elevando uma das sobrancelhas enquanto descaía o lábio inferior do mesmo lado da cara. Lembro-me muito bem da Joana, filha do sargento Pita.



Ela era muito feia. Foi a primeira rapariga em que toquei permissivamente. Tal como a irmã mais velha, que não oferecia resistência a mancebos com praça assentada, a Joana era tolerante para com a miudagem. Voltei a vê-la, passados quarenta anos, quando

berrava vivas a Salazar no cortejo duma manifestação política muito posterior à morte do ditador. Também havia aquela morena que dava por Fatinha, mas que era mais conhecida por "o tumor". A mãe tivera quantos filhos Deus quis, até a natureza lhe suspender a mecânica da procriação. Passados uns tantos anos, cresceu-lhe outra vez a barriga. Era um tumor que continuava a aumentar e não cedia nem aos chás que a vizinhança recomendava, nem às mezinhas preparadas pelo saber africano da preta da Rua da Canada, que era bruxa. Ao fim do normal período de nove meses, "o tumor" nasceu e viu-se que era menina.

Havia mais meninas na aldeia. Eram todas muito faladoras, excepto uma que nem abria a boca: a filha do Franklin, marinheiro.

Nos intervalos de viagem, o vizinho Franklin era alvo de particulares deferências quando se sentava, com todo o conforto, a passar o serão no meio da rua com o meu avô. O Franklin foi quem engenhou a maneira do terno de sala vir da Terceira, à revelia dos rigores alfandegários.

A menina do vizinho marinho não só não falava como quase nem se mexia. Todos os movimentos eram apenas como que esboçados. Era direita, hirta como um cabide. Era um pequeno cabide triste, especialmente destinado a transportar os folhos, rendas e lacinhos com que a mãe a adornava. Depois do tempo do Espírito Santo, trajava todos os domingos com o mesmo aparato do dia da coroação. Amplas mangas de balão, luvas de canhão em renda e saias rodadas. Caminhava sobre sapatos brancos, espessos de tanta alvaiada. Os cabelos quase de cobre, enrolados em coracóis com forma de canudo, molejavam em espiral ao longo das costas, no ritmo de cada passada. Nós, os rapazes, não lhe admirávamos a postura, mas, não sei porquê, também não a ridicularizávamos. Aquela figura tinha, no panorama da aldeia, como que a função dos símbolos rituais que também são decorativos. Era uma imagem que valia por si própria, embora pertencesse ao conjunto que formava com os pais. Passeavam os três na geométrica formação dos patos de arribação. Caminhava a filha à frente. Os pais, por sua vez, não iam lado a lado. O vizinho

Franklin retardava-se um pouco em relação à mulher, que anunciava o desfile familiar com o tenir metálico de pulseiras sobrepostas. Para além das pulseiras e colares, a figura da D. Mariazinha era um ostensivo abuso decorativo de formas e cores gritantes que arranhavam a humilde tranquilidade cinzenta da aldeia. As vizinhas janelleiras comentavam, com meias palavras de escárnio, os detalhes da roupa e da figura da mulher do marinho. Esperavam que nós estivéssemos por perto para falarem em tom de nos despertar curiosidade, embora fingindo ignorar-nos. Vibravam de alegria pelo prazer de nos aliciarem a imaginação com a morbidez dos nacos de desconfiança que elas próprias alimentavam, através duma gula perversa e insaciável. “Soletavam” vezes sem conta que “o-Franklin-não-ganha-para-comprar-aquilo-tudo”.

A D. Mariazinha do Franklin marujo esforçava-se por imitar as figuronas loiras dos cartazes das fitas de cinema americano. Abusava da água oxigenada. Porém, o cabelo audaciosamente amarelo continuava a brotar preto junto à raiz. Preto como a plumagem que lhe revestia as pernas e que ficava espalmada sob as “meias de vidro” de contrabando, que eram novidade rara. Para o nosso grupo de miúdos, a despertar para a necessidade de decifrar mistérios que tinham a ver com a morfologia feminina, a mulher do Franklin era

uma visão perturbadora. A partir do vértice do agressivo ângulo agudo do decote, nascia em movimento ascendente a linha flutuante que separava os seios gelatinosos, muito aconchegados um ao outro. Os ombros largos, o pescoço carnudo e a barriga menos proeminente do que o peito, nada se agitava com o andar. Só as nádegas pouco volumosas subiam e desciam alternadamente, ao ritmo de passinhos curtos demarcados no escasso limite das saias travadas. Caminhava concentrada no controlo do equilíbrio sobre uns saltos muito altos. O olhar era estático, para diante. Os olhos líquidos de tão verdes, brilhavam em simultâneo com o dourado dos óculos. As sobrancelhas desenhadas a lápis preto, num descair fininho para os lados, vinham até meio da cara. O timbre do verde dos olhos reforçava-se no contraste com os vermelhos aplicados na face e nos lábios de ostensivo colorido em forma de coração, para além dos próprios limites superior e inferior. Era uma mulher muito grande. Franklin era ainda maior, bastante forte e com uma cara que tinha a ver com o mar: moreno, com olhos azuis distantes, por vezes muito vagos; cabelo castanho ondulado e penteado para trás, espalmado por espessa camada de brilhantina. Por ter a cabeça sempre um pouco voltada para cima, parecia que nós cá por baixo lhe escapávamos ao olhar.







A organização da excursão era muito complicada. O meu avô tratava de todos os assuntos desse empreendimento, com a ajuda de um pequeno bloco de apontamentos onde os cálculos às despesas estavam todos averbados com rigor. O bloco de apontamentos, com os cantos das folhas enrolados pelo muito uso, continha também o segredo da distribuição dos excursionistas pelos lugares que ocupavam no veículo. Era necessário colocar todos a contento de modo a evitar animosidades durante a viagem. Sobre a caixa da "Studbaker" cor de vinho, com retoques de todas as cores, eram postos quatro bancos corridos feitos em madeira. Esses bancos que tinham usos muito variados também serviam de apoio aos velórios, assim como para a aldeia se sentar à mesa que era posta rua adiante no dia do almoço do Espírito Santo. Cada banco levava dez ou mais pessoas.

Os bancos assentavam no sentido longitudinal sobre a caixa do veículo de carga. Dois ao meio, em que os viajantes, por seguirem de costas com costas, serviam de encosto ou espaldar uns aos outros. Os dois restantes bancos eram colocados junto aos limites laterais da viatura e os passageiros sentavam-se voltados para o interior. A organização tinha de prever não separar famílias, em especial maridos

e mulheres, mas o meu pai arranjava sempre maneira de empernar com a Floriberta, em vez de ir ao pé da minha mãe. Também tinha de haver um esquema para não juntar os que não se davam bem, como aqueles que eram adeptos fanáticos de filarmónicas ou clubes de futebol rivais. Os inimigos não podiam ser postos de costas com costas nem lado a lado, para evitar contacto físico; também não podiam seguir frente a frente para que os contactos visuais não fossem provocatórios. Os olhares de ódio, ressentimento ou rancor só podem ser "olhares atravessados". Estava previsto atravessarem-se no sentido das diagonais da carroçaria da camioneta.

Os maiores ódios entre vizinhos eram criados e alimentados pelos Reboredos, uma família em que eles próprios estavam sempre todos brigados uns com os outros. As animosidades entre Roboredos e mais quem andava na órbita deles, ultrapassava o reino dos vivos e envolvia os próprios defuntos. Era tudo muito mórbido. As brigas entre eles começavam sempre por causa das divisões dos tarecos em herança, mesmo quando não morria ninguém. A filha mais velha do meu avô, a minha tia Natércia Mentirosa, era casada com um Reboredo. O marido, tio Augusto, destinou para si a herança do terno da sala que o sogro costumava armar no meio da rua. De vez em quando andava acompanhado da mãe dele, que era a Maria Austéria Reboredo, a medir os maples e o sofá. Deu-lhe um mal qualquer

e foi o primeiro a morrer.

Mesmo depois de mortos, os Reboredos continuavam a maldizer e a insultar o próximo. Escreviam uns aos outros cartas para serem abertas depois do autor morrer. Inventavam intrigas e davam falsos testemunhos com absoluta garantia de não serem punidos por difamação, dado disporem da vantagem de já estarem mortos. Parece que tinham grande prazer nessas actividades macabras. Consta que usavam sempre atribuir aos que cá ficavam as patifarias que eles próprios tinham feito em vida. Felizmente, só os próprios Reboredos acreditavam no arengado das epístolas deixadas pelos que já tinham passado para o outro mundo. Como estavam ocupados com questiúnculas entre vivos e mortos, os vivos da família não se toleravam e nunca iam na excursão para não se verem uns aos outros.

O lugar da Micas na camioneta não podia ser perto do Daniel porque o marido tinha ciúmes de um antigo namoro de adolescentes. A Vieirinha, dada a mulheres, tinha de ir entre velhas para não incomodar as raparigas. O irmão tinha de ser igualmente acautelado, em relação aos rapazes, por razões semelhantes. Era um velho pequenino que tinha uns óculos redondinhos, sempre com a cara franzida como se estivesse a fazer esforço para ver qualquer coisa ao longe. Nunca despia a gabardina de gola esfiampada e revestida da côdea de gordura castanha proveniente dos cabelos enrijados que

nunca passavam por água. Usava o pseudónimo artístico de "Vasconcelos". Tinha sempre a porta de casa entreaberta para exhibir uma vistosa caixa de música, à qual vinha dar corda de pouco a pouco. O engenho, colocado sobre um banco com pouca altura, funcionava como "isco" para atrair a curiosidade de quem passava na rua. A caixa de música, forrada de papéis de cores, tinha lacinhos de fitas que também eram coloridas. Ao som de um musicar em forma de "tlim-tlim-tlim" que imitava os acordes da "Valsa dos Patinadores", um pires forrado de papel de estanho, que já tinha servido para embalar chocolates, rodava sobre a misteriosa caixinha. Por estarem fixas ao prato, as bizarras figuras estáticas de minúsculas bailarinas, esculpidas pelo irmão das Vieirinhas, nunca tinham descanso. Andavam sempre à roda. Davam sucessivas voltas completas cada vez com mais lentidão, à medida que desandava a corda e a música quase se apagava. Nunca chegava a parar. O senhor Vasconcelos acudia a tempo ao mecanismo de relógio que garantia o funcionamento daquilo que a minha avó dizia ser uma armadilha para apanhar "pintassilgos". Eu só podia parar a ver o girar da maquina quando ia com ela. Estavam todos os garotos avisados para passarem sempre ao largo da "esparrela". Desconfio que o meu irmão Arnaldo gostava da música da caixinha para poder ter dinheiro e andar com fatos tão excêntricos.

O Senhor Vasconcelos recebia com muita frequência a visita de um semelhante quase igual a ele. Não se sabe se eram irmãos. Era talvez mais velho, por ser mais curvado. Batia com a bengala no chão, com a veemência de quem se quer fazer notar. Dava por Óscar dos Espíritos Santos. Desempenhava como profissão a tarefa de decorar, em casa dos mordomos, a sala destinada à exposição dos símbolos do Divino: a coroa, o ceptro e a pombinha.

Era o senhor Vasconcelos quem "armava" o quarto do Espírito Santo da nossa rua, em casa do meu avô. A decoração do Espírito Santo da aldeia ao lado, em casa do mestre Segismundo, estava à conta do Óscar. O velho esmerava-se na aplicação de colchas e alvíssimos lençóis, flores brancas e objectos de prata a condizer com a coroa.

O último Espírito Santo "instalado" pelo Óscar, no ano antes de morrer, excedeu toda a exuberância que ele tinha expressado até então. Exagerou tanto nas dimensões da pomba que a ave, de columbina, se transformou em faustoso pernalta ou em ave corredora, quase avestruz, embora toda em arminho e com um diadema de ave-do-paráíso.

O Senhor Passarinho era outro frequentador da casa do Vasconcelos. Dizia-se que era pianista, não tinha piano próprio e sabia apenas os acordes de "La Comparsita" e de mais dois ou três tangos de que se fazia valer quando o contratavam para

tocar nalgum baile. Vestia sempre a mesma roupa, de Inverno andava encolhido com frio. Era ridicularizado pelos trejeitos femininos que exhibia e pelo tom de voz muito agudo, aflautado. Quando lhe davam um cigarro, fumava até queimar os lábios, pelo que tinha o canto da boca amarelo, quase castanho. Era muito pobre.

O meu avô procurava desfazer o grupo em que os mais pobres se marginalizavam na retaguarda da camioneta da excursão. Chamava sempre alguns para lugares mais dianteiros. Porém, tinha de ter o cuidado de reservar lugar para a Cardosa na última fila, a fim de que o mau cheiro que difundia ficasse para trás com o andamento em estrada.

O senhor Josezinho de Almeida, solitário e complexado, era das figuras mais difíceis de acomodar na camioneta. Nunca estava de acordo com ninguém, tinha de pronunciar sempre a própria sentença sobre todo e qualquer assunto. Além disso, a todo o momento corrigia, sem grande rigor gramatical, o falar daqueles de quem não gostava. Parecia não gostar de ninguém e chamavam-no "o engalinhador". Era mudado de lugar todos os anos para não estragar aquele dia sempre aos mesmos convivas. Para além disso não fazia mal algum a quem quer que fosse. Por vezes, ia passar o serão no sofá do meu avô sem dizer uma palavra, o que era outra maneira que tinha de evidenciar o seu drama, de chamar a atenção

sobre si próprio ou de protestar em silêncio contra a solidão.

Pelo seu lado, o "Ti" Abel, que vendia linhas de costura, devia ser o homem que tinha mais amigos, mas, como era bastante velho, já estavam quase todos mortos. De há muito chegara à idade de conhecer menos gente neste mundo do que no outro. Este vizinho veio de Lisboa ainda jovem, como vendedor ambulante. Passou a vida a negociar por todas as vilas, aldeias e lugares da ilha. Era cordial,



por toda a parte fez amigos e aproveitava a excursão anual da aldeia para evocar as memórias deles. À medida que passávamos pelas terras em cujos cemitérios jazia cada um ou vários dos amigos do "Ti" Abel, ele pedia a todos uma oração pelos respectivos eternos descansos. Recitava a Avé-Maria com pronúncia bem silabada e esperava que todos respondêssemos em coro, com a declamação da Santa-Maria. Lá para o fim da tarde já só a D. Laura respondia. Pouco a pouco, todos iam desistindo de acompanhar a compenetrada devoção do bom "Ti" Abel.

Para além dos "tiques" de cada um e das incompatibilidades crónicas já conhecidas, havia que atender todas as vezes a dados novos, decorrentes de eventos próprios de cada ano. Quando a Zizi botou corpo, o pai deixou de a querer sentada ao pé dele. Lado a lado com o meu avô no sofá da sala ao ar livre, o homem desabafou que "é uma vergonha uma rapariga com tamanhas mamas... os homens até ficam parados na rua, a olhar!".

A Zizi não era a única moça casadoira da aldeia capaz de provocar olhares gulosos. Elas eram talvez meia dúzia. No dia da excursão todas traziam na cabeça um lenço cujas pontas davam volta ao pescoço, antes de se atarem num nó corrediço que obrigava a sucessivos cuidados de ajustamento, ao longo da jornada. A Evangelina, que já estava pedida em casamento, acompanhava-se do noivo, o Alberto,

que não era da aldeia e encarnava posturas de príncipe encantado. Quando fazia vento, Alberto despiu o casaco com gestos largos e aconchegava-o nos ombros redondos da rapariga. Aquecia-se também ele próprio, tal e qual como fez na noite em que se finou tio Luciano do Pico que era avô paterno da noiva. As outras raparigas troçavam deles e nós troçávamos delas, adivinhando-lhes a inveja.

Durante o velório do tio Luciano, o Alberto compensava com carícias o desgosto da neta do defunto. Quanto mais ela chorava, mais ele redobrava as mesuras. Quanto mais profunda ia sendo a ternura do Alberto, mais frequentes eram as crises de pranto da moça a suplicar carinho.

Na camioneta, os noivos sentavam-se, por regra, frente a frente com os pais da rapariga. Costas com costas iam de preferência primos, cunhados ou então cidadãos pacíficos cujos traseiros não entrassem em conflituosa disputa de espaço. As moças dos lenços atados ao queixo, gostavam de ir em grupo. Ocupavam os lugares da frente junto à cabina, para que a Corália pudesse apanhar vento na cara e assim fazerem o possível para ela não enjoar. Jamais se podia evitar que a rapariga revirasse o estômago logo que a camioneta chegava à estrada. Começava por vomitar com gritos e convulsões angustiantes, enquanto uma das companheiras lhe aguentava a cabeça. A camioneta ficava com

aquele lado todo pintado de vômito azedo. Depois babava-se, cuspiu e dava "ais" em progressivo desânimo, deitada no colo das amigas. Acabava no chão ao deus-dará, desfalecida ao sabor dos solavancos da viatura. Rebolava dum lado para o outro por imperativos da força centrífuga, sempre que o camionista iniciava o percurso de uma curva.

A partir de certa altura da viagem, após duas ou três paragens para refrescar a garganta, já o "engenheiro" também ia meio morto com uma enorme bebedeira, a rebolar pelo chão como a Corália. Ela de um lado da camioneta, ele do outro, ambos inconscientes, irmanados na desgraça embora por causas diversas.

As habilitações do vizinho que tinha a alcunha de "engenheiro" eram o exame da quarta classe e a frequência do segundo ano do Curso Comercial nocturno. Volta e meia estava desempregado e considerava-se merecedor de trabalho qualificado. Fora da aldeia procurava, com descaramento, passar por engenheiro. Havia quem entendesse que não custava nada chamar o pobre homem por esse título de sonho. Perante si próprio ele fazia-se passar por engenheiro. Aqueles a quem devia dinheiro eram bastantes e não lhe prestavam tais honrarias de trato.

O "engenheiro" era caçador, fazia-se sempre acompanhar da sua perdigueira, e de vez em quando oferecia um coelho ao meu avô. Certa vez, a cadela

encontrou numa caçada um podengo que lhe deu pelo cheiro de fêmea saída e o “engenheiro” levou para casa uma ninhada de cinco rafeiros, em embrião. Quando os cachorros nasceram, o dono tentou saldar dívidas e fazer compras a pagar com os próprios canídeos como moeda de troca. Tentou mesmo fazer negócio com o cigano Consuelo, que costumava montar a tenda à entrada da aldeia. Foi tão mal sucedido quanto se podia esperar, mas o cigano achou-lhe graça. Respondeu que já o tinham tentado enganar várias vezes lá na aldeia. Como quem mostra humildade, contou ao “engenheiro” que fora mesmo enganado uma vez. Considerava ter sido muito bem enganado por uma talentosa velha cheia de mérito, porque “não é qualquer um que passa de capote o velho Consuelo!”.

Ficámos por perto a ouvir o cigano. O caso deu-se num dia em que o negócio era saldar botas e a artimanha dos comerciantes foi dividir a venda por dois locais. O Consuelo ficou a vender metade das botas numa das extremidades da rua e o irmão abancou do outro lado, com a restante mercadoria. No início anunciavam os mesmos preços, mas, quando o negócio afrouxava, um deles promovia uma baixa a simular fazer concorrência ao outro. O “engenheiro” louvou o artilheiro do cigano, pois o docente de uma importante disciplina que ele tinha frequentado no Curso Comercial nocturno, designada por “Técnica de Vendas”, jamais se lembrou de

estratégia tão bem elaborada. Para o velho professor nocturno, o mais certo golpe para convencer o comprador indeciso era um anúncio no jornal, mas impresso de pernas para o ar.

O cigano confessou que a simulação da concorrência fora um verdadeiro êxito comercial. No meio do grande movimento de vendas em que uns experimentavam botas, outros pagavam, esperavam pelo troco ou escolhiam o modelo preferido, apareceu uma velhinha que queria comprar botas para o marido. Como o velho não podia ir provar as botas porque estava doente, a mulher disse que não queria que o senhor Consuelo desconfiasse dela, pelo que lhe pedia apenas para levar a casa uma bota do pé direito. Se servisse ao marido, então pagava e levava o par... “O movimento foi tanto que só à noite me lembrei do diabo da velha, quando o meu irmão me disse que lhe faltava uma bota de pé esquerdo. Uma velha pediu-lha emprestada e não apareceu mais. Fomos bem enganados. Se aquela velha que me “fanou” um par de botas volta a aparecer, ofereço-lhe mais um par. Ela merece porque é esperta!”

Lembrei-me logo que, algum tempo atrás, a minha avó oferecera ao meu avô um par de botas que tinha comprado, por bom preço, aos ciganos que estavam em disputa de concorrência. Fiquei sem dúvidas quanto à autoria da proeza narrada pelo Consuelo. Recordei-me que a velha passou a

fechar-se dentro de portas, quando apareciam ciganos na aldeia. Corri para casa a dizer-lhe que ela tinha direito a mais um par de botas e levei uma desanimadora descompostura. Como para neto de ladra não é nada de mais ser chantagista, eu passei a extorquir à minha avó algumas serrilhas, a troco do meu silêncio. Sempre que o Fabrício dos sorvetes ou o D. Ramon dos barquinhos passavam na aldeia, eu tinha direito a um brinde como prémio duma pequena desonestidade.

O “engenheiro” lá enganava um ou outro sempre que podia, mas não lhe terá sido fácil rentabilizar, como capital, a ninhada de rafeiros da perdigueira. Repimpado no sofá americano de Manuel Mentiroso, tentou pagar a passagem para a excursão com um animal. Também queria pagar o dinheiro que devia ao meu avô com outro canídeo e ainda dava mais um oferecido, “para o seu netinho”.

Cá por mim gostava de ter um cachorro, mas a proposta não agradou ao meu avô. Disse logo ao “engenheiro” que os cães não entravam no negócio. Ficava tudo pelos coelhos, e “vá em paz”.

Coelho era o sobrenome do engenheiro de verdade que morava perto da aldeia e que se divertia



a tratar o outro por “colega”, com ironia. O Engenheiro Coelho não ia na excursão, mas deixava ir o filho mais velho que se comportava com normalidade. Ninguém queria o mais novo por perto, porque batia em toda a gente e a mãe, que era uma presunçosa professora, entendia que não se repreendia o menino para não o traumatizar.

Depois de estar toda a gente a bordo, inclusivamente a disciplinada perdigueira do “engenheiro”, que seguia enrolada aos pés do dono, a partida da camioneta era anunciada por umas quantas buzínadas. Então saltávamos para a carroçaria da “Studbaker” do Senhor Cordeiro, que era puxada pelo grande motor a trabalhar redondo dentro do comprido “capot”. Antes de embarcar tínhamos examinado com nervosismo todos os recantos da viatura. Para a rapaziada não havia lugares marcados. Parecia não sobrar espaço para nós. Preenchíamos as vagas que encontrássemos, numa tarefa semelhante a calafetar todas as juntas e fissuras existentes entre rabos, pernas, cestos, painéis, melancias e garrafões. Algumas más vontades apertavam-se umas contra as outras para não nos abrirem espaço. O Manuel António, apesar de já ser homem casado, saltava à uma connosco. A presença dele dava-nos sempre confiança.

A mulher e a filha do dono da camioneta aproveitavam o passeio, iam sempre na excursão. Na primeira metade do percurso viajavam ao ar livre

na caixa da camioneta, em conjunto com a população da aldeia. Na cabina, com o senhor Cordeiro que pilotava, seguia o meu avô que comandava e ainda o vizinho Mateus como mecânico, em atenção à competência adquirida com o seu velho automóvel. Para a tarde, quando fazia mais frio, a mulher e a filha do motorista trocavam de lugares com o meu avô e com o vizinho Mateus, que não parava de elogiar a qualidade da viatura. "O que ela quer é andar, grande comilona. Pudera! São seis cilindros em linha... se fosse cá comigo, ainda lhe apertava qualquer coisa no ponto da afinação da alumagem". Quanto mais veloz deslizasse a "Studbaker", mais o vizinho Bento apreciava o ar fresco na cara e menos lhe arfava a tortura asmática. As várias paragens obrigatórias para reparação de pneus ou simples vistoria do material eram quase sempre suficientes para satisfação de alívios de bexiga. Ao sinal de nova partida, sempre com buzínadelas triunfantes, surgiam algumas cabeças de esconderijos que eram moitas ou sebes de hortênsias. À beira-mar parava-se para ver o Chico preto dar mergulhos de estilo, saltos mortais e cambalhotas a partir do penedo mais alto que conseguisse escalar.

Chico preto era o maior atleta da aldeia. Dizia-se neto de negros que há muitos anos tinham sido trazidos lá das terras deles, para lavrar o Labaçal. Não se adaptaram nem ao clima nem à saudade. Alguns descendentes que sobreviviam pela cidade

costumavam passar na nossa rua. A Rosa, já velha, enfeitava-se com restos de flores tiradas dos caixotes de lixo, fazia recados e passeava nos cemitérios coberta de trapos, por entre campas e jazigos. O Sebastião dedicava-se a queimar cachimbos. Os fumadores mais abastados não gostavam de "assar" a boca com o calor de tabaco queimado sobre madeira nova, antes de formar carvão. Os cachimbos eram entregues ao velho negro que os tornava "macios" de tanto fumar. Antes de cada cachimbo ser devolvido ao dono, devidamente "acamado", a boquilha que tinha andado na boca desdentada do indigente era substituída por uma nova. Por cada pacote de tabaco consumido na profissão de fumar, Sebastião tinha uma percentagem. Morreu assado por dentro.

Para os lados da doca ou da piscina pública, onde conseguisse juntar mirones para as suas proezas, Chico preto improvisava festivais de acrobacia. Nadava a grande velocidade, desaparecia e voltava à superfície mostrando na mão uma pedrinha trazida do fundo. Quando chegavam paquetes associava-se a contrabandistas que se disfarçavam de vendedores de "souvenirs". A partir do bote de um deles, mergulhava para apanhar, a caminho do fundo, as moedas reluzentes que os passageiros lançavam para o mar. Na amurada, juntavam-se bandos de viajantes que se divertiam a avaliar-lhe a perícia e o fôlego. Por vezes o sadismo requintava

a crueldade do espectáculo. Eram lançadas, em simultâneo, moedas em diferentes sentidos. O atleta matava a fome à custa de recordes de apneia.

De um ano para o outro, no dia da excursão, o Chico aumentava a altura dos mergulhos. Desafiava, "quem aposta dois e meio como eu sou capaz de me atirar dali de cima?" De Inverno, sem outro meio de sustento, era "engraxador" de sapatos. Ele e o Ronrom corriam a cidade, cada um com uma caixa na mão à procura de clientes.

Ronrom, um negróide já meio desbotado pela mistura de raças, também tinha compleição atlética. Ombros muito largos e uma enorme caixa torácica sobre pernas muito curtas. O nariz esborrachado entre olhos dóceis de criança triste, completava uma caricata imagem de pobre "boxeur". Não havia soco que o derrubasse, mas não era ágil nem convicto no ataque, por total ausência de agressividade. Desistiu do "ring" improvisado no Relvão e entrou num negócio de apostas macabras. Aguentava socos no tórax, desferidos pelos mais brutos marinheiros americanos, europeus e asiáticos, a uns "cents" por cada soco. No dia em que fez mais dólares foi parar ao mar, dada a violência dum murro pior do que o coice de uma mula brava, que lhe deixou desfeitas as entranhas do peito. Até ao fim da vida que não foi longa, era difícil entender o que dizia, tão cavernosa era a rouquidão. O meu avô levava-o, como ajudante, no passeio anual. Era ele quem

varria a camioneta e lavava o vomitado dos enjoados e dos bêbedos. A "Studbaker" do Cordeiro regressava limpa e o Ronrom ainda se despedia com um olhar que era o seu modo de agradecer. Era humilde e impunha a própria humildade. Nunca se aproximou da sala campestre do meu avô. Passava ao largo com respeito, em passo silencioso, embora muito apressado.

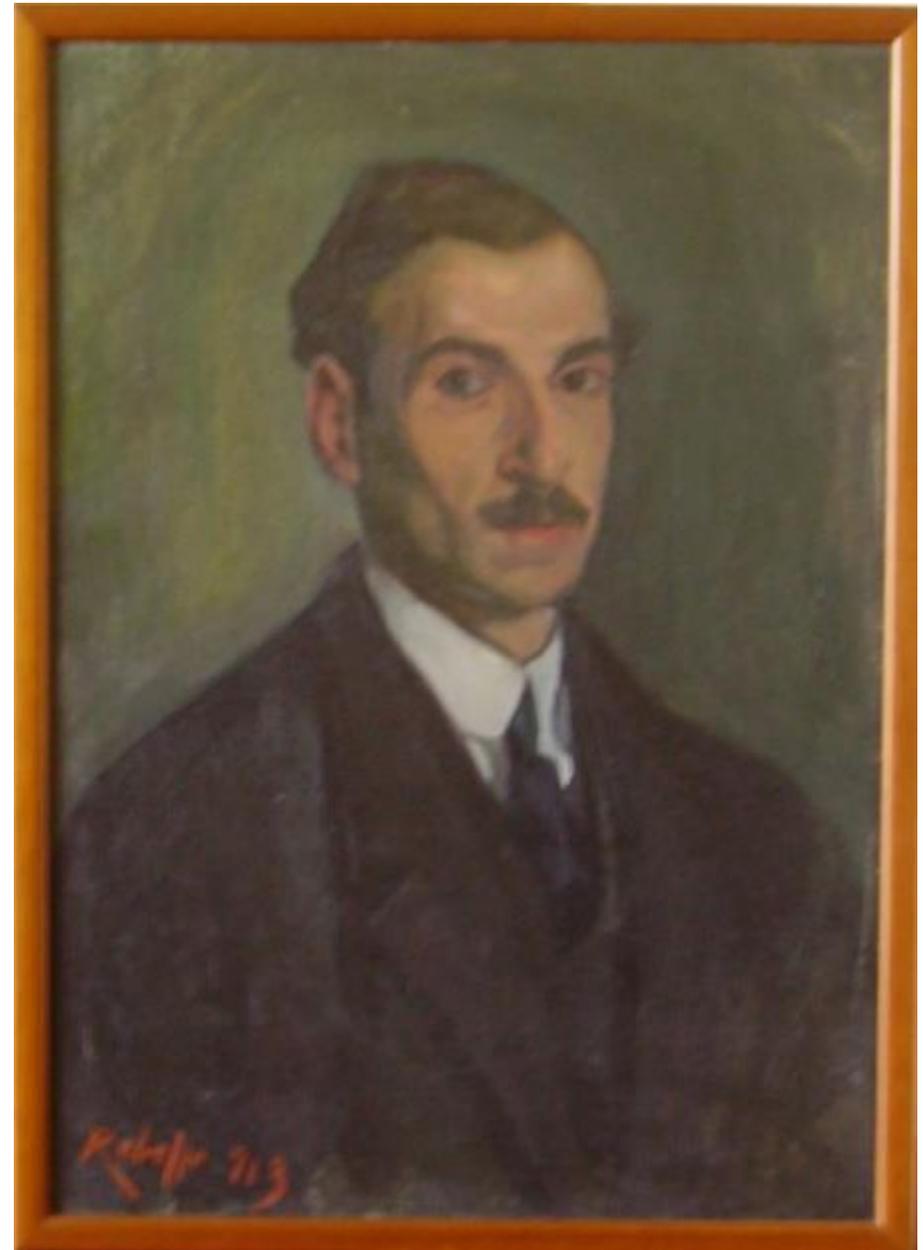
A última paragem da excursão era sempre no mesmo local, numa mata pitoresca já muito perto de casa. Avistavam-se as proximidades da cidade no meio da qual ficava o "umbigo do mundo" que era a nossa aldeia. O vizinho Garcia observava a alguma distância, um portão velho ladeado por colunas, cada qual suportando uma esfera de pedra. Era o Prédio das Bolas, onde tinha vivido um professor de desenho a quem o senhor Garcia, enquanto aluno da Escola de Artes e Ofícios, roubava cigarros em todas as aulas.

Director da Escola e professor, o Pintor Viçoso May, de chapéu raso, longa capa, bengala elegante e laço à "Lavalère", personalizava a imagem do último romântico. Fumava consecutivamente. Nas aulas consumia os cigarros que, um a um, ia retirando da cigareira de prata sempre aberta sobre a secretária.

O vizinho Garcia narrava, com toda a minúcia, como procedia nos tempos de estudante, para sonegar o tabaco ao mestre. Ora fingia ter uma

dúvida quanto à execução da tarefa a realizar, ora precisava de uma opinião, ora inventava qualquer outro pretexto para estender a folha de desenho sobre a secretária do professor. Tinha de empatar a conversa até atingir a cigareira com a mão sob a folha de papel de desenho, para retirar um cigarro sem ser descoberto. Durante os três anos que durou o curso, o Garcia repetiu a proeza todos os dias, cada vez com mais perícia. Triunfante, saboreava um cigarro no fim de cada aula, comemorando a fraude com orgulho. Passados muitos anos, já o filho era dos rapazes mais velhos da aldeia quando o senhor Garcia recebeu, no escritório onde tinha emprego, recado para ir a casa de Viçoso May. O professor tinha falecido e uma vez aberto o testamento, era ao antigo aluno que cabia herdar a cigareira, aquela que ele agora trazia no bolso.

Depois da excursão, assim como a seguir à festa do Império do Divino Espírito Santo, a aldeia sempre parecia querer começar vida diferente. Durante alguns dias tudo era mais tranquilo. Porém, essa nuvem de um certo cansaço saudável à mistura com satisfação e leveza volatilizava-se inexoravelmente. Aos poucos voltava a emergir a rotina de alegrias efêmeras, de pequenas ou grandes tristezas, de cruéis indiferenças. A indiferença recai



TOMAZ BORBA VIEIRA
**HERDAR
ESTRELAS**

Ilustrações de LUÍS FRANÇA



ad
a como

Quase toda a rapaziada da aldeia andava a procurar emprego. O trabalho era a oportunidade de subjugar o adolescente a horários, cansar-lhe o corpo, cortar-lhe as asas da imaginação e habituá-lo à resignação. Era o "aprender o que custa a vida". Era deixar de ter espaço para conhecer a nova dimensão que a "alma" alcança, numa idade em que a mente percorre traçados concêntricos à volta de

interrogações sem resposta sobre a própria existência. Quantas vezes o facto de "existir" era como estar no interior de uma esfera preta que tem umas fendas por onde se espreita o mundo e dentro da qual há um vazio suspenso de angustiantes ressonâncias. Ficava-se fechado lá dentro. Um obsessivo apelo focava o sentir em mistérios que conduziam sempre o pensamento aos mesmos becos sem saída. Era como "estar na lua". Era um dos principais motivos pelos quais, aqueles que experimentaram estudar no liceu em vez de começarem logo a trabalhar, não escapavam à raziada das "chumbadas" que os professores disparavam. Só o Necas e o Costinha, para além de uma ou outra rapariga, é que acompanhavam o aproveitamento dos alunos que tinham outros espaços que não as salas de aula, para "irem à lua". Não sei como, mesmo tendo os pés na terra, eles resistiam à gramática francesa e ao resto. Nunca percebi porque é que a Joaquina, que nós considerávamos a menos esperta da aldeia, alcançava boas notas na Matemática e chegou a professora! Essa pobre rapariga nunca conseguiu distinguir um gracejo de uma conversa a sério e gostava de se exhibir a resolver problemas com contas complicadas. Por mim, não passei da primeira aula de desenho. Respondi a uma pergunta do professor, que não era uma pergunta mas uma ameaça disfarçada. O mestre era um homem grande e vestia uma bata enorme.

Comia os cigarros que durante a aula iam encurtendo, ao canto da boca, sem ele os acender. Fui expulso, acusado de refilão e punido com falta registada a vermelho. O bastante para ficar bem visto entre a rapaziada. Regressei a casa, de uma vez por todas, sentindo-me merecedor de louvores pelo acto heróico de enfrentar, sem medo, um gigante que representava o rigor arbitrário que reinava naquele casarão sinistro.

Não era fácil arranjar trabalho. Muitos sujeitavam-se a situações de emprego onde sofriam humilhações e mau pagamento. Havia crianças e adolescentes feitos animais de tiro a puxarem "carroças de mão". Eram veículos que se diferenciavam daqueles que se atrelavam a burros ou carneiros apenas pelo número de varais. Dois



Tomaz Borba Vieira

laterais, quando destinados a atrelar entre eles um quadrúpede e apenas um varal, centrado e designado "cabeção", quando a carroça era puxada por um cristão que dispensava arreata. Carregavam mercadorias no percurso entre a alfândega e os estabelecimentos comerciais, carregavam víveres que os merceiros enviavam aos clientes e toda a carga que lhes fosse atribuída.

Em certos casos, procurar um emprego era apenas tentar agarrar um lugar para, porventura mais tarde, vir a ter um parco ordenado.

O Zeferino tihoso, com a capacidade de tomar decisões com que aprendeu a sobreviver, resolveu o problema sem dar contas a ninguém. Em pouco tempo andava com uma caixa, que ele mesmo executou, a lustrar sapatos pelas cervejarias da cidade onde parassem marinheiros. Lado a lado com o Chico preto e o Ronrom, em concorrência com outros tantos "engraxas" oriundos de aldeias como a nossa, distinguia-se porque cantava o fado enquanto dava brilho às botas dos clientes, surpreendendo-os com o vasto repertório e com o sentimento da entoação.

Outros rapazes foram para serventes de mestres de diversas artes. O Martins foi servir um electricista. Gostou do ofício, embora tenha passado os primeiros anos apenas a carregar com a caixa da ferramenta. Continuou a ter a mesma boa disposição de quando era miúdo. Mostrou-se triste

apenas quando, na idade de ir para a tropa, nos despedimos para seguir rumos diferentes. Disse, com uma convicção assustadora e com uma serenidade indiferente, que não nos voltávamos a ver. Adivinhou a rajada de metralhadora que o cortou a meio, pela cintura, no primeiro ataque à companhia em que o incorporaram na Guiné. O Pacheco também por lá ficou, entre os destroços de um avião abatido.

O Horácio tinha uma paixão por bicicletas. Passava a vida na loja onde o vizinho Alvarinhos reparava e alugava velocípedes. Acabou por lá ficar como ajudante, após longo tirocínio como voluntário. Aqueles que achavam demasiado humilhantes esses trabalhos destinados à miséria, mudaram de terra à procura de melhor ventura. Foi o primeiro surto de emigração da nossa rapaziada.

Como o padrinho do Silvestre era fotógrafo, ele aprendeu o ofício e inventou o negócio de "juntar o que estava separado". Cada emigrante mandava à família a fotografia da sua imagem solitária, lá nas terras que lavrava à procura da fortuna. Cá, o Silvestre fotografava as mulheres e os filhos. Imprimia, no mesmo papel, a reprodução da imagem do ausente, lado a lado com os que por cá tinham ficado. Silvestre, aquele que "junta o que o mar separa", transformou saudades em dinheiro e estabeleceu-se por sua conta. Foi longe de mais ao explorar outro filão sentimental que era compor retratos de família com vivos e mortos. Enquanto fossem

imagens de emigrantes ausentes, junto a famílias saudosas, pouco importavam erros de escala ou sobreposições de pedaços de cenários com geografia antagónica. Misturar vivos e mortos era atentar contra as elementares regras do universo, mas o Silvestre nunca foi rapaz de preocupações metafísicas. Argumentou comigo que colocava vivos e mortos em convívio pacífico, “não os induzo ao confronto e ao ódio, como fazem uns tais Reboredos, disfarçados de gente pia”.

Paquete da farmácia do senhor Botelho, quase à esquina da aldeia, foi o futuro do Conrado. Era veloz em ir aos armazéns dos representantes de laboratórios carregar, numa canastra, novas remessas dos medicamentos que se esgotavam no estabelecimento. Abandonou a família, sem qualquer dúvida ou remorso, e investiu em si próprio tudo quanto ganhou. Deixou de se submeter ao suplício do corte de cabelo às mãos do carnicheiro Carvalho e ganhou distinção em todo o visual. Chegou depressa à categoria de merecer vestir uma bata branca e aviar medicamentos ao balcão. Jogava todos os trunfos para se valorizar e fazer salientar. No dia em que fui comprar aspirina para o meu avô que se constipou por ter passado a noite quase toda ao relento, sentado no sofá, o Conrado recomendou-me que advertisse o velho para “não comer salgados, apimentados, nem qualquer outra coisa que lhe possa fazer mal”. Fiquei atónito com a sabedoria.

era frequentada por homossexuais e desistiu de publicar os poemas que aprendeu a fazer durante o pouco tempo que andou a estudar. Lá no liceu não se faziam poetas, mas um professor, esquisito como ele, emprestou-lhe um dicionário de rimas e ensinou-lhe o “truque” que deu para compor uma chuva de sonetos. O dicionário indicava-lhe quatro palavras em rima, que seriam as últimas de cada verso da primeira quadra do soneto; depois, mais quatro palavras no mesmo acerto sonoro, para terminar os versos da segunda quadra; a seguir, as seis palavras-chave que garantiam o êxito na execução dos dois tercetos finais. Após ter a terminação para todos os versos em rima, só faltava preencher, para trás, cada linha com as restantes palavras. Se todos os versos tivessem idêntico número de sílabas contadas pelos dedos, a martelar com as unhas na tampa da carteira... “acontecia a monstruosidade” sem sentido a que chamava soneto. O professor devolvia-lhe os manuscritos com uma respeitosa vénia de aprovação. O José Terra foi para casa chumbado nas demais disciplinas.

Os poucos de nós que ainda viviam na aldeia criavam bigode. Já entrávamos na loja do canto com pleno direito. Alguns faziam uma pequena despesa de vez em quando. Até acontecia serem os da nossa idade a pagarem o copo de vinho ao “Chico da bola grande” para lhe darem a oportunidade de disparar a peça de artilharia que tinha inventado.

Desde miúdos que, perplexos, costumávamos observar a patética façanha. Quando alguém pagava um “tiro” ao desgraçado, acorriamos todos para, em silêncio e respeito, assistirmos ao espectáculo. Por imperativo de dignidade, o Chico não aceitava bebida sem cumprir o degradante ritual.

O copo de “quartilho” de vinho-de-cheiro era posto à disposição do pobre homem. Passado algum tempo durante o qual se mostrava indiferente ao assunto, o Chico acertava a posição do corpo enorme no banco em que estava sentado. Tinha uma barriga que lhe cobria os joelhos e que era o segredo do sucesso do macabro invento. Concentrava-se, com solenidade. O silêncio era total e o António vinha, pé ante pé, colocar junto dele um banco com uma rolha em cima. Quando se sentia preparado, o Chico endireitava as costas. A barriga esférica ameaçava mostrar-se descomunal. Levantava a camisa, alargava o cinto, desabotoava os dois primeiros botões da braguilha e o monumental abdómen revelava-se em monstruosa patologia. Para colocar a rolha no umbigo, o homem tinha de estender o braço e esforçar-se por lá chegar. Depois dobrava-se para a frente, como que a tentar curvar-se sobre si próprio. O enorme ventre fazia uma prega horizontal, engolindo a rolha que se sumia afogada no enrolar daquelas banhas cobertas de pêlo suado. A desaparecida rolha decerto permanecia ajustada

ao umbigo, tal como fora colocada. De repente, o Chico dava um grito de circo, que merecia ser acompanhado por um rufo de tambores. De seguida endireitava as costas, de esticção. A barriga saltava de novo para a forma esférica regular e, com o impulso, a rolha era projectada à distância. O Chico abotoava-se indiferente às palmas. Bebia o quartilho, de um fôlego, enquanto o António media o alcance do “tiro” com uma vara graduada. Se fosse um recorde, a medida e o nome de quem tivesse pago o vinho eram registados, pelo taberneiro, a giz numa tampa de pipa destinada a esse fim. No canto mais triste e escuro da tasca, o Chico regressava ao mutismo.

A minha mãe aspirava a que eu frequentasse meios que não fossem assim degradados, que tivesse um emprego limpo e de prestígio como funcionário de escritório. Para tal era preciso entrar para uma empresa qualificada, fazer carreira de agrado aos patrões, subir a pulso à custa de muito trabalho, total disponibilidade de horário e prática de rasgadas vénias. Entrar numa dessas empresas, que poucas havia na cidade, requeria “cunhas” eficazes com peso social bem definido. A minha avó concordou em levar-me até casas de famílias influentes que ela conhecia.

Em casa dos Costa Roçadas havia um menino quase da minha idade, um pouco mais novo. A minha avó, desde sempre ia lá às quartas-feiras com o

pretexto de ajudar em trabalhos de costura, mas, na realidade, a função dela era aturar a avozinha Roçadas que tinha um famoso mau feitio. Mais ninguém conseguia tolerar a velha que não se calava e repetia dezenas de vezes as mesmas histórias. A minha avó pediu autorização para eu passar a ir com ela, para companhia nos percursos de ida e volta. A estratégia teve êxito. Depois, cabia-me fazer interesseira amizade com o rapaz, ser simpático com a família, obter do pai Roçadas a necessária protecção e entrar para a firma Valdemar da Costa Roçadas & Filhos, Limitada.

À primeira vista, o jovem Costa Roçadas, que era um rapazinho gordo e muito branco, causava a pior das impressões. Disse-me logo que estava acampado, que teria muito gosto em receber-me na tenda nova que a tia Leocádia lhe tinha trazido de Lisboa, como prenda de aniversário. A proposta era agradável, não fosse a situação desconcertante da tenda estar armada na luxuosa sala que era a biblioteca do avô. Estava acampado já há dias sobre um tapete rodeado de móveis de estilo e de estantes com livros e naftalina, embora munido do material suficiente para sobreviver nos Himalaias. Almoçámos sopa, dois pratos e sumos que a criada nos foi servir no “acampamento”. Nos dias em que não havia “acampamento” eu almoçava com a minha avó e com as criadas. O meu aristocrático amigo achava

piada aos saberes que eu levava da rua e tudo teria corrido melhor se não fosse a dificuldade de suportar a intolerável irmãzinha dele. A rapariga era completamente inédita. Arrancava as coisas das mãos dos outros e gritava como se a estivessem a matar, caso não se lhe fizesse alguma vontade. Que bem que lhe faria um “tratamento” a cinto, pelas mãos de um “pai tirano” como os que havia lá pela aldeia! De repente, atirava-se para o chão a espemejar e a “esbenigar-se” arrancando a roupa e a tentar rompê-la, apenas por nesse momento ter decidido deixar de gostar daquele vestido. Agarrava a roupa pela cintura com as duas mãos e rodava o corpo num vaivém para cada lado. Ao mesmo tempo berrava com lágrimas e ranho. Acudia a mãe, acudiam as criadas, mudavam-lhe a roupa e a maluquinha repetia a cena quantas vezes a vestissem, até que lhe passasse o “ataque”. A minha avó calava-se, eu imitava a minha avó. Tinha medo de dizer o que pensava e de perder o quimérico emprego. Disse à minha mãe que não queria voltar a casa dos Costa Roçadas, no dia em que a rapariga embirrou com o penteado que lhe tinham feito, em vez de embirrar com os vestidos, e desatou a arrancar cabelo a si própria. Não contive um riso nervoso e a minha sorte foi ter o cabelo curto, cortado “à escovinha” pelo Carvalho, que não deixava ponta por onde se lhe pegasse. A maluca apenas conseguiu

arranhar-me.

Esperava que os arranhões que, nesse dia, tinha na cara me dispensassem de tornar a casa dos Roçadas, mas a minha mãe obrigou-me a lá voltar, com a minha avó, na quarta-feira da semana seguinte. Nesse dia, a demoníaca criatura que, cá para mim, era mais velhaca do que doida, resolveu expulsar de casa o velho professor de música, cujo sustento dependia de ensiná-la a tocar piano. Tive a brilhante ideia de argumentar com a minha mãe que se a menina resolvesse pôr-me a mim na rua, jamais seria reabilitado perante a ilustre família. O argumento foi de peso. Consegui não voltar a pôr lá os pés.

Na semana seguinte, a minha avó lançou uma prodigiosa mentira, em casa dos Costa Roçadas. Lamentou que o neto não pudesse mais acompanhá-la. A vida estava difícil, o rapaz não podia continuar sem trabalhar. Tinha sido obrigado a ir acarretar pedra para a doca, "vejam só a sorte dele, ainda quase uma criança, com alguma educação e aquele gosto de ter melhor futuro". Continuou a lamentação "que se ao menos o senhor Costa Roçadas fizesse um favor", e ele fez. No dia um do mês seguinte entrei ao serviço de Valdemar da Costa Roçadas & Filhos, Limitada, onde passei anos e anos. Fui desde pacote até ajudante de escritório, que já era um posto invejável. Quando casei aumentaram-me o

ordenado de uma nota das mais pequenas.

A aldeia estava invadida por uma nova vaga de miúdos e já nada era como no nosso tempo. À medida que desapareciam os velhos, as casas eram ocupadas por outros habitantes, geralmente herdeiros com hábitos diferentes dos que tinham sido gerados no pequeno mundo que era aquela rua. O meu avô Manuel Mentiroso andava desadaptado desde que deixou de armar a sala ao relento. A bronquite não lhe permitia permanecer lá fora durante muito tempo e os automóveis que, entretanto, apareceram, ocupavam-lhe o lugar da mobília.

Dos rapazes do meu grupo fui o último a debandar. Antes de mim, saiu o mal-fadado Carlos Borges que morava na casa herdada da avó. Decidiu casar-se, mas, desde a escola, nada na vida dava certo com ele e o casamento também não deu. A rapariga, com equilibrada silhueta e passaporte americano, parecia oferecer-lhe uma boa oportunidade como mulher e como futuro. Afinal era bruxa e a mãe também. Os conflitos tornaram-se intermináveis porque o Carlos descompensou o sistema nervoso, devido ao ambiente de tenebrosos cerimoniais e defumadouros que lhe infestavam a casa. Numa noite de grande tumulto, de gritaria que se ouvia na aldeia toda, ele partiu na cabeça da sogra, o crucifixo que ela usava nas práticas ocultas. Abandonou a casa nessa noite, sob ameaças, impropérios e excomunhões da sogra que sangrava e da

mulher que o odiava. Escreveu-me do Brasil, perdido na imensidão de S. Paulo, pois era de lá o carimbo dos selos. Não revelava a morada para estar a salvo das bruxas, não fossem elas adivinhar a carta!

Não casei com a Susana porque nunca consegui convencê-la. Foram anos de tentativas para conquistar-lhe a simpatia. A princípio não queria porque ainda era nova, depois porque dava o tempo todo às obras sociais da igreja e não sobrava generosidade para mim. Mais tarde, revelou vocação para freira. As roupas simples que vestia já pareciam um hábito a condizer com a serenidade das feições correctas que tanto me encantavam. Não sei o que entretanto lhe aconteceu. Continua com a mesma aparência e com o mesmo empenhamento ao serviço do próximo, mas agora integrada nos sindicatos e numa secção de um partido político de esquerda. Vai passar a vida toda à procura da maneira certa de ser feliz. A pureza de toda aquela utópica generosidade não cabe no mundo inteiro. Só deixou de ser alvo de raivosos olhares de ciúme da mulher com quem casei quando, passados alguns anos, eu parti para o Canadá.

Ao decidir emigrar expliquei, a mim próprio e aos amigos, que ia pelos mesmos motivos de todos aqueles que voltam costas às limitações e procuram mais espaço para a luta da vida. Na verdade, ainda mais do que melhorar de vida, o que me impelia era

a força irreversível que nos empurra para a urgência de correr um risco, mesmo que possa ser fatal. Parti sozinho, de madrugada, para o aeroporto. Ainda era noite e ninguém reparou. Apertei o meu filho, pequeno e estremunhado. Abriu-se-me na alma um rasgão de arrependimento a que já não podia ceder. Ele ficou a chorar com a agressão da ternura, numa lamúria sonolenta que é o mais nitido som que guardo na memória.

A "Immigration" deu-me o "permit" após delongas, esperas, fome e outros sofrimentos. Passados dois anos, tinha a minha família num "flat" de italianos. Os da aldeia que encontrava por cá, indiferentes e apressados, não pareciam os mesmos de outrora. Só o Humberto se manteve igual a si próprio. Ladrão como desde sempre, soube roubar-me os primeiros dólares que ganhei quando ainda trabalhava como clandestino.

Comprámos casa própria, embora geminada com a de uma família de irlandeses. Eles cozem bebedeiras de fim-de-semana, na profundidade mais silenciosa do sono. Acordado, eu realizo o maior dos sonhos, nas poucas noites do escasso Verão deste país. O rapaz ajuda a carregar "a sofa" do "basement" cá para cima, para a entrada do meu "drive way". Não o faz de boa vontade. Comenta entre dentes "old man" e outras coisas em inglês que não quero perceber.

Sentado ao relento, contemplo o tecto de estrelas que herdei da sala do meu avô Manuel Mentiroso. "Old man... old man !..."

Caloura, Agosto de 1999



degrau de pedra

TOMAZ BORBA VIEIRA

Ilustrações de
LUÍS FRANÇA

CAETANINHO DA PRAIA

DEZ MIL REIS E UMA CARTA,
NOITES DE ÓPERA NO AREAL
E PREMONIÇÃO DA MORTE

*Para:
Margarida Garoupa*

Durante os anos de viuvez, Elena Jesuina teve de assumir o comando da casa, dos negócios e das terras, numa azáfama de que não sobrava tempo algum. Os dois filhos ainda eram crianças, contava apenas com a ajuda de um velho negro que fora escravo e dava por Domingos. Pouco tempo antes de morrer, o marido, António Vieira, trouxe do Brasil esse preto que já era homem livre, graças à lei das alforrias.

Mais tarde, uma vez transposto o fardo para as costas de Plácido, seu segundo marido, Elena voltou a encontrar vagar para o convívio com amigos e parentes. As festas do orago, os impérios do Espírito Santo ou as matanças de porco, eram ocasiões de reunir a parentela. De quantos familiares não estavam embarcados, Caetaninho era o único que jamais comparecia em qualquer ajuntamento. Elena Jesuina angustiava-se ao imaginar esse pobre sobrinho, louco e isolado, ora deprimido, ora alucinado, a viver longe do mundo e sempre escondido, sem querer ser visto por ninguém.

Caetano tinha-se fechado numa pequena casa, a leste do Areal de Água d'Alto, para lá da ribeira que corre junto à ermida do solar do Marquês da Praia. Decidira ali ficar para sempre. Ficou a sós com um velho piano de onde fazia brotar melodias líricas que lhe acompanhavam o cantar, ao longo de intermináveis horas de euforia sen-

timental. Antes de enlouquecer tinha sido cantor. Um grande cantor.

Por vezes abandonava o piano para cantar ao luar, junto à Ponta da Queimada, ora acompanhado pelo arremesso sinfónico das ondas do mar contra os penedos da Ruída, ora ao som do "pizzicato" que é o borbulhar da corrente nos calhaus da ribeira. Também atravessava longas temporadas sem cantar. Quando pressentia não estar completamente só, permanecia mudo, em absoluto silêncio, lá no ermo onde se desterrou.

O único vizinho naquela zona da ribeira, só por lá andava em tempo de férias, ou de vez em quando a dar uma olhadá às novidades da terra. Não era agricultor, era homem de letras com profissão de docente. O jovem Mestre João de Medeiros que também dava por Garoupa, ensinava Latim no Liceu da Graça, lá longe na cidade. Por vezes, aos fins-de-semana pernoitava na casa que possuía perto do refúgio de Caetaninho.

Caetaninho da Praia – assim ficou conhecido, logo após regressar de Itália e exilar-se junto ao areal – fazia por nunca ser visto por quem quer que fosse. Sempre que alguém andava por perto, escondia-se. Escondia-se da própria irmã, Maria – a Mariquinhas Padeira – para quem tal comportamento era causa de muita apreensão.

Amargurada com o progredir da loucura do cantor, a irmã procurou a tia Elena Jesuina para, a sós, falarem dessa mágoa. Num domingo, depois da missa da manhã, convergiram para a pia de água benta e juntaram-se num recanto, entre o baptistério e o guarda-vento da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos. Mariquinhas apressou-se a cochichar que "Caetano já nem aparece aos rapazes que lhe levam a comida!"

Maria Padeira mandava o Ernesto, o filho mais velho dela e de Manuel Ponta Garça, carregar, duas vezes por semana, com uma cesta de mantimentos para o tio. O rapaz tinha obrigação de ser valente como o pai, cabreiro de profissão, que facilmente impunha autoridade por ser campeão de jogo do pau.

O Ernesto, alcunhado de "Pirrata" (com dois *erres* bem arrastados) – por ser trigueiro como os marroquinos que em tempos demandavam as ilhas, em missão de pirataria – tinha de transpor a violenta e sinuosa ladeira do Pisão, percorrendo a agreste légua que vai da Vila de Água de Pau até à Ribeira da Praia. Descer o Pisão a caminho da Praia, e no mesmo dia subi-lo de regresso à vila, era obra para caminheiro ágil.

Ter com quem conversar durante uma viagem, embala o andamento e encurtece a distância. O "Pirrata" levava sempre consigo um dos irmãos, para não ter de falar sozinho ou cantar durante toda a viagem. Carregavam a cesta com o arroz que o tio não dispensava, além de fruta, pão fresco e algum conduto de amanhos da matança. Acrescentava-se uma ou outra perna de galinácio. Era preferível consumir a criação antes de ser o milhafre – o "queimado" traiçoeiro – a dar com ela.

Na viagem de regresso, o fardo era mais leve. Traziam apenas a loiça e os guardanapos que tinham servido para aconchegar o fornecimento anterior. Por vezes acrescentavam algumas folhas de milheiro, para amparar o tilintar da tampa desirmanada de um velho tacho que teimava em pular dentro da cesta, quando o andar era lesto.

Com atitudes cada vez mais estranhas, Caetaninho tinha passado a fechar portas e janelas, logo que

pressentia o alarido dos rapazes a descerem a íngreme Calçada dos Galhardos, em direcção à casa dele. Ao alto da escada exterior de acesso à habitação, deixava ficar uma cesta vazia. Os sobrinhos deviam substituí-la pela que traziam com novos mantimentos. "Deixem ficar a cesta que trouxeram e levem a outra", foi a ordem que deu apenas uma vez, no primeiro dia em que deixou de lhes abrir a porta.

A partir de então, os rapazes não só não avistavam o tio, como também deixaram de o ouvir. Renovavam o fornecimento de víveres sem mais palavras, até que um dia foram surpreendidos pela frase "preciso de algum dinheiro". O pedido vinha de lá de dentro, mas soava rente a eles como se fosse a própria porta a vibrar com um falar cantante. Os rapazes assustaram-se, o coiro dos braços ficou-lhes arrepiado como pele de galinha. As palavras terão assumido uma sonoridade grave. Estranhamente, poderão ter sido proferidas tal qual as do cantor que representa Filipe II de Espanha, na arrebatadora ópera de Giuseppe Verdi, "D. Carlo", quando o rei entoava na última curta ária a seu cargo: "*Un doppio sacrificio*"⁽¹⁾.

Maria Padeira receou que "talvez esteja doente e precise de dinheiro para ir à cidade, consultar um médico". D. Elena entendeu assumir o encargo. "Dez mil reis" era quantia bastante para valer a qualquer emergência. O dinheiro não seria levado por mão dos pequenos mensageiros que carregavam a comida para o tio. Era perigoso. Os rapazes podiam, por leviandade, gabar-se da

proeza de transportar uma encomenda tão rara, como era tamanha quantia. Corriam o risco de ser assaltados. Por prudência, havia que esperar por um portador mais seguro. Seria no próximo sábado, quando o professor latinista passasse pela vila, a caminho da terra dele, após mais uma semana de aulas de gramática lá na cidade.

*

Nas madrugadas de segunda-feira, João de Medeiros Garoupa, o "trinta regis naturalis" – assim alcunhado pelos alunos de latim, por ser natural lá das bandas do Lugar dos Trinta Reis – atravessava Água de Pau, do Pedregal à Ribeira Seca, no trote lento das quatro mulas de tiro da diligência designada por "carrão da vila". Ia a caminho das aulas. Ao sábado, quase a meio do dia, o "carrão" trazia-o de regresso, sob o balançar das cortinas de lona pendidas da capota, meio soltas dos restos de arame ferrugento que tinham sido rudimentares fivelas.

Se tal figura não fosse vista no carrão em direcção à cidade, era sinal de ser tempo de férias. Em tempo de aulas, o veículo seguia sempre repleto. Sentado bem à frente, como que numa varanda sobre a segunda parrelha de mulas, todo chegado à direita, junto à manivela da sapata, o boleeiro manobrava as rédeas e tinha à mão o chicote. Atento para ajudar as bestas a amparar a carga nas descidas, agarrava com a mão enorme, a alavanca que comprimia os espessos tacos de madeira de álamo, contra o aro de ferro das rodas traseiras. À sua esquerda, no banco da boleia, ocupando o pouco que sobrava da almofada de palha, empoleirava-se o moço ajudante da diligência. Ia a jeito do patim por onde trepava ao teja-

(1) Um duplo sacrifício.

dilho, na tarefa de estivar a carga. Logo atrás dele, já no compartimento abrigado da chuva, seguia o professor de longos bigodes, chapéu, pasta dos livros e demais indispensáveis pertences, para além de algum embrulho de mercadoria avulsa ou de qualquer encomenda. Um vetusto guarda-pó cobria-o do pescoço aos calcanhares. A cesta dos mantimentos, assim como a safata com toalhas e mudas de roupa acautelada entre lençóis de linho, iam à conta do ajudante do carrão. Lá do alto do seu posto, o rapaz, com os calcanhares gretados pelos chamados "golpes de *figado*", deixava pender os pés descalços, à altura dos chapéus dos passageiros.

Na manhã de um sábado de Maio, em que D. Elena esperava pela passagem do portador dos dez mil reis para Caetaninho, o carrão viajava na rotina da última tarefa semanal. Após vencidas umas quantas léguas de estrada, era inevitável haver uma prolongada paragem junto ao bebedouro do Chafariz, à chegada a Água de Pau. Para lá pendiam teimosos, sedentos e suados, todos os animais de carga, de passagem pela Vila.

Nesse dia a caminhada recomeçou como sempre, com os muares abastecidos de água para o resto do percurso. Ao rodarem para a esquerda, sobre a primeira curva que dá entrada na via plana que atravessa o pequeno burgo, os animais ensaiaram alternadas tentativas de passagem à andadura de trote. O boleiro logo lhes deteve o ímpeto, através do convencional grito de "hō-hō" (prolongado) e com o decidido encurtar das rédeas. Embora ainda distante, Domingos fazia-lhe sinal para abrandar. Com gestos serenos, erguia e abanava o braço envolvido na brancura do pano da camisa.

O carrão deteve-se e o velho negro atravessou a rua com passos cambados. Os males reumáticos trepavam-lhe pelo corpo, a partir dos pés descalços. Usava as calças de cotim, mais de um palmo acima dos calcanhares, sem pudor da obstinada evidência da elefantíase. Foi avisar a patroa.

Elena terá querido ser ela própria a entregar ao professor a carta e os dez mil reis destinados ao sobrinho. Apressou-se para chegar até junto da viatura. O viajante não teve tempo de abrir a portinhola, nem tão pouco de descer os dois degraus do estribo, em atenção à etiqueta.

Decerto o Senhor Medeiros guardou o envelope, bem acautelado no bolso interior do casaco.

A diligência terá arrancado para a derradeira etapa da viagem, no momento em que o professor desferia uma convencional chapelada, acompanhado nesse gesto pelos demais cavalheiros em trânsito. Assim terão seguido os dez mil reis das economias de tia Elena, para as mãos do sobrinho Caetano.

*

Sabia-se que em tempo de lua clara, Caetaninho vagueava pelo areal onde prolongava as noites a entoar os trechos de ópera mais bem cantados e mais sentidos de sempre.

Os habitantes de Água de Pau, camponeses e todos os modestos trabalhadores dos demais ofícios, albardavam as bestas ou atrelavam-nas a carroças e "charabans", sempre que pressentiam suspensa no ar, uma inexplicável tensão que tinha a ver com a inspiração

nocturna do cantor. Homens e mulheres, velhos, novos e crianças, todos caminhavam até ao Lugar da Praia, logo após o crepúsculo da tarde. Arriscavam a viagem, mesmo sem a garantia de que nessa noite Caetaninho descesse ao areal. Todos queriam ter o privilégio de o ouvir cantar, com tal mistério e emoção como jamais fora imaginado.

Os animais eram deixados à distância, junto às carroças. Ficavam abastecidos de generosas rações de folha de gavela, a fim de manterem silêncio ocupando-se da mastigação. A fila que formavam era tão longa, que ia desde o pequeno areal a que chamam Prainha, até junto da alcançilada ladeira de acesso à Freguesia da Ribeira Chã. O percurso desde esse local até perto da Ribeira da Praia, era feito a pé descalço, para evitar o matraquear dos tamancos sobre o caminho de terra batida. Depois, todos se escondiam por entre as densas moitas do canavial, cuja ramagem protegia os vinhedos cultivados junto à Praia, da fustigação do "mata-vacas", esse aziago ventinho que vem das bandas de sudoeste. Mantinham-se em silêncio, tal como as próprias sombras que o luar espalhava em redor. Inertes, aguardavam a emoção de contemplar o brilho da voz que já tinha ecoado nas melhores salas destinadas ao canto lírico, por esse mundo fora.

Caetano do Rego tinha sido guindado até ao "Alla Scala". Em Milão recebeu os mais acreditados aplausos, antes de sofrer a traição que o entregou ao delírio. O povo de Água de Pau, que o escutava na Praia de Água d'Alto, só regressava a casa de madrugada, depois de terminado o "concerto". Todos cuidavam de se retirar sorrateiros, sem deixar rasto. Qualquer suspeita da presen-



ça de público, por parte do cantor, podia comprometer a próxima serenata. Se alguém quebrasse o silêncio, aquele vulto estranho percorria o areal com incontido nervosismo, enquanto murmurava prolongados solilóquios. Andava atrás e à frente, duas ou três vezes, capa agitada pelo vento. Depois desaparecia junto à foz da ribeira, sob o escuro dos ancestrais dragoeiros que demarcavam o fim das terras do Marquês.

Quando criança, Caetaninho fez parte do grupo de meninos do coro da igreja. Possuía uma voz inconfundível e proferia entoações que não passavam despercebidas. Cedo passou a ter a responsabilidade de cantar todos os solos. Alguns paroquianos só iam à igreja para ouvir o prodígio. Com o despontar da virilidade, surgiu no rapaz o vigor da voz de um baixo com tal amplitude que, com surpreendente naturalidade, passou a conseguir oscilar até aos registos mais altos da tessitura de barítono. Acentuava-se-lhe o calor de uma inconfundível tonalidade sonora, que o tornava cada vez mais notado. Cantou em todas as paróquias da ilha, nomeadamente na cidade, em missas de festa e outras celebrações religiosas. Passou também a ter participação nas solenidades e acontecimentos sociais de intenção cultural. Foi ouvido em todos os meios.

Consta que o Marquês da Praia, cedo se apercebeu do talento do jovem. Consta também que avaliou a dificuldade que ele teria em progredir nos domínios da Arte, assim isolado, fechado numa ilha tão distante dos grandes meios musicais. Caetano segue para Itália, a fim de estudar canto, graças ao mecenato do Marquês. Afirma-se, tanto pela beleza da voz, como pela enorme sensibilidade artística. Depressa ascende ao reconheci-

mento dos melómanos da capital do teatro lírico, trilhando com segurança os caminhos do triunfo. Por isso também recaem sobre ele, ódios e invejas nascidas no despeito dos adversários menos dotados.

A irreversível derrota do cantor, nasce no próprio momento em que a ventura parecia querer levá-lo para uma grande vitória. A vertigem que o precipita no tormento, talvez pertencesse à própria índole de uma sensibilidade profunda, com reflexos num temperamento vibrante e numa susceptibilidade extrema.

Ao que parece, a grande comoção que detonou o sofrimento que leva Caetano à loucura, ocorreu no próprio palco do "Scala". Tudo terá acontecido durante um recital em que a voz do cantor, a caminho do auge da carreira, era aplaudida sem reservas. É possível que em cartaz estivesse "Dom Carlos", a famosa ópera que levou Giuseppe Verdi a ser considerado o maior compositor de então.

Depois da noite em que abandona o "Scala", envergonhado, vencido e alucinado pelo desespero, Caetano desaparece por algum tempo. O nome dele é tapado nos cartazes, com a colagem de um remendo a indicar o artista que o substitui no papel de Filipe II, aquele rei desiludido que canta "só poder alcançar a paz no seu túmulo do Escorial". Seria essa ária, quiçá o mais belo solo da ópera de Verdi, uma daquelas com que a voz de Caetano incendiou a sensibilidade do público do "Scala" e, mais tarde, dominou a emoção dos camponeses que o escutavam no canavial?

Os eruditos de Milão explodiam exuberantes no aclamar de "bravos" e no crepitar das salvas de palmas. Os clandestinos melómanos da Praia, não podiam ova-

cionar. Ali não havia lugar para que a desordem ruidosa dos aplausos pudesse abafar a lembrança da ordem criada pelo compositor, ou apagar o eco do sentimento expresso pelo cantor. A forte emoção, qual corte na respiração dos espectadores que se dissimulavam por entre a vegetação junto à Praia de Água d'Alto, talvez transmitisse ao silêncio e à noite, aquela densidade que emana das profundezas do sentir. Seria essa a recompensa que Caetano procurava captar, enquanto fingia julgar-se a sós com o mar?

Constou que Caetaninho teria disputado com o maestro da orquestra do "Alla Scala", os favores de Fiorella Fiorini, a "prima donna" que representava o papel de Elisabete na célebre obra lírica de Verdi. É uma tradição que considera em termos incorrectos, de maneira assaz grosseira, o verdadeiro sentimento do cantor por essa mulher que o desprezou.

Durante ensaios e espectáculos, Caetaninho sente que o olhar da cantora lhe foge cada vez mais a favor do maestro. Com inédito desassombro, o chefe da orquestra proporciona redobradas oportunidades para que Fiorella possa exhibir dotes de virtuosismo. O público aplaude demonstrações de recursos vocais que se expressam através de duvidosas estratégias, como sustentar as notas finais de cada trecho, com o propósito de exhibir uma prodigiosa capacidade de respiração.

Caetano certifica-se do conluio, durante a estreia da ópera de Verdi, ainda no primeiro acto, no decorrer da ária dialogada entre Elisabete e D. Carlos. Foi evidente que o maestro favoreceu os prolongados altíssimos do harmonioso trecho que sempre "fica no ouvido" das audiências, quando a voz de soprano sobe na

melodia "*Di qual amor, di quant'ardor / Quest'alma è piena!*"⁽²⁾.

Filipe II, encarnado por Caetano, sente que Elisabete abre o coração a D. Carlos, tal como, em simultâneo, o próprio Caetano percebe que Fiorella o troca pelo maestro. Então canta, convicto, não possuir "*il poter di leggere nei cor*"⁽³⁾. Ao vender-se ao poder do maestro, a diva despreza o sincero afecto do cantor.

Mais adiante, ao entoar a grande ária de introdução ao quarto acto da dramática ópera, Caetano expressa dor e amargura, com verdadeira convicção e também com tão profunda emoção, que deixa perplexa toda a audiência do famoso teatro milanes. Nesse momento apoderou-se-lhe da voz o mesmo impulso, a mesma vibração com que mais tarde, em noites claras, entoava ao vaguear pelo areal de Água d'Alto: "*Ella giammai m' amò! / No, quel cor chiuso m' è, / Amor per me non ha!*"⁽⁴⁾.

A ária termina com a repetição desses mesmos três versos com que tinha começado. A intervenção do cantor é precedida por uma peça sinfónica onde a beleza de um lento discurso de tons graves, a cargo do obué e dos solos de violoncelo, prepara o dramatismo com que a voz do rei lamenta a desventura. Caetano envolve-se numa interpretação já entregue ao delírio. Ecoa pela sala uma certa desorientação. O público hesita em avaliar se se trata de um golpe de génio ou, pelo contrário, de um fácil atentado ao mediano bom senso.

(2) De que amor e quanto ardor / Esta alma está cheia!

(3) o poder de ler nos corações

(4) Ela jamais me amou / Não, o seu coração está-me vedado / Não existe amor para mim

Depois de bisar o último verso, "*Amor per me non ha*", num arrebatador "fortíssimo", a composição musical indica que o cantor volta a repetir as mesmas palavras, uma última vez, agora com evidente postura de desalento. Deve então expressar-se em tom suave, decrescente, até atingir um profundo "pianíssimo" onde a voz se vai fundir com a orquestra, à beira de um denso silêncio.

Traíçoeiro, o maestro aproveita a inesperada oportunidade de afrontar o rival. Dá precipitado sinal de entrada aos metais que entoam, com vigor, a passagem à cena seguinte. Entretanto, Caetano ainda balbuciava a primeira nota da curta frase que lhe restava pronunciar. Perplexo, vê-se ultrapassado pela orquestra e é vaiado sem piedade, através de uma pateada cruel. O mesmo público, que pouco antes ainda o aplaudia, agora escorraça-o. O maestro suspende a orquestra, para o humilhar ainda mais. Com a alma desmoronada, Caetano perfila-se em pose de condenado, procura dominar-se e aguarda que os metais repitam o sinal de entrada em cena do "Conde de Lerma", que anuncia com estridência "*Il Grande Inquisitor!*".

Caetano mantém-se em cena, mas não volta a ser aplaudido. Quando já a meio da décima quinta cena, responde ao Inquisidor, "*mezzo estrem*"⁽⁵⁾, era mesmo essa a convicção mais profunda da sua vida. Por isso, mais adiante, ao entoar como uma ordem, "*obliar tu dêi quel ch' è passato*"⁽⁶⁾, sabe bem que para ele próprio, jamais haverá tal possibilidade.

(5) ou tudo ou nada

(6) que o passado seja esquecido

O sofrimento íntimo de Caetano, expressa-se com inesperado rigor dramático, nas próprias frases que Verdi musicou e que ele tem de cantar ao longo daquela fatídica récita. A coincidência é como que uma premonição cada vez mais evidente e misteriosa. Quando Elisabete pergunta a Filipe "*il mio fallir qual'è?*"⁽⁷⁾, é Caetano que responde a Fiorella, desesperado: "*Spergiura! / Se tanta infamia colmò la misura, / Se fui da voi tradito / Lo giuro innanzi al ciel, / Il sangue verserò....*"⁽⁸⁾

Na última intervenção de Filipe, a poucos minutos do fim da récita, o rei exclama acompanhado pelo esplendor de toda a orquestra, na repetição obsessiva dos mesmos compassos e em violentos arremessos de angústia, "*Si, per sempre! lo voglio / Un doppio sacrificio! / Il dover mio farò*"⁽⁹⁾. Para terminar, deve voltar-se para o Inquisidor e entoar a pergunta: "*Ma voi?*"⁽¹⁰⁾. Porém, em vez de se dirigir ao actor que representa o papel de Inquisidor, Caetano profere estas palavras cara-a-cara com o maestro, numa atitude provocatória. Depois abandona o palco com lentidão, enquanto Elisabete evoca o Altíssimo, exclamando "*Ciel!*". Nessa ocasião, para o sentimento de Caetano, já de nada valia que perante a desgraça, Fiorella bradasse ao "Céu!".

Alguns meses mais tarde, o derrotado cantor é visto em Lisboa, onde procura reencontrar a estabilidade

(7) que crime cometi eu?

(8) Perjúrio! / Se tanta infâmia passou das medidas / Se fui por vós traído / Juro perante o céu / Derramarei sangue...

(9) Sim, para sempre! Eu quero / um duplo sacrificio! / Farei o meu dever.

(10) E vós?

emocional que estava definitivamente perdida. Não é bem recebido num meio social marcado por pretensões elitistas. Era desconhecido, não trazia um nome que emparelhasse com os apelidos sonantes dos clãs que enchiam, com snobismo e preconceito, os espaços da cultura e da arte da capital do império. Inicialmente, foi apenas tolerado e aceite enquanto "ave rara". Ao deixar de ser novidade passou a ser rejeitado, tanto nos círculos da arte como, uma vez mais, nos domínios da afectividade.

A sequela da fatal noite de Milão, agrava-se galopante. A dor vai progredir em solavancos de tormento até ao fim da vida. Regressa à vila onde nasceu. Traz gravado no olhar, o alarmante aspecto de um doente grave. Os familiares esperam em vão, que a tranquilidade da casa junto ao mar lhe recomponha os nervos. Isola-se para sempre e só regressa a casa da irmã, na noite em que se rende à morte.

Nos últimos anos da trágica existência, Caetano já nem descia ao areal onde, alucinado, costumava cantar nas noites luarentas. O piano emudeceu e passou a servir de poleiro para as galinhas. As aves invadiam-lhe a casa, à mistura com os ratos, para disputarem restos de comida deixados à toa na cozinha ou junto à imunda enxerga.

Recebeu os dez mil reis e a carta da tia Elena, directamente da mão do latinista, embora fosse cada vez mais difícil consentir que alguém o visse. Apenas tolerava a simpatia da jovem Maria da Conceição, ainda quase

uma criança, a quem cabia zelar pelo rapazinho de poucos meses que era o filho do vizinho professor. De vez em quando a rapariga invadia o caótico mundo de Caetaninho, para lhe impor alguma ordem. Limpava, arrumava e lavava quanto podia. Nesses momentos ele fazia-se distraído. Ia até ao quintal, para fingir não se dar conta do arranjo que a moça desencadeava dentro da casa dele. Um dia mostrou reconhecimento por essa dedicação, oferecendo-lhe uma camisa branca. Era o único haver que conservava com estima. Talvez uma penosa recordação! Decerto vinha dos tempos em que a glória lhe abriu as portas à desventura. A pedido de Caetano, a jovem levou ao patrão a carta em que o cantor responde à tia, a fim de que essa missiva fosse levada ao destino certo, por mão do mesmo portador que lhe trouxera os dez mil reis.

Na alvorada da segunda feira seguinte, o costumeiro "carrão da vila" que transportava o professor, agora em sentido inverso, a caminho da cidade, fez uma paragem antes de chegar ao bebedouro dos animais. O professor vinha incumbido de entregar a D. Elena, a resposta à carta que ela escrevera ao sobrinho:

Minha Bôa Tia D. Elena Jesuina Soares

É de justa cortezia e urbanidade, agradecer cordialmente a agraciada oferta de dez mil reis, que o Sen.r Medeiros, meu visinho me entregou, de mandado de Minha Bôa Tia D. Elena; e bem assim os mais presentes que me fêz em diferentes épocas;

mas esta, que veu n'uma ocasião tão urgente e oportuna, despertar-me do letargo quase lethal; com fome e frio, a ver atmosphéa ameaçante friíssima, com forte demasiado vento; acompanhada de tremôres de terra, rajadas do meu visinho mar; e eul.. n'um leito quase semimorto a escutar o tempo, com erisipelas nas pernas vendo quando me desabava a casa; e o Sen.r Paracléto sem ouvir as minhas supplicas nem os meus áis; pensando na maneira de resolvêr o problema misto e mui misterioso talvez de toda a minha vida, n'um desaza com pouca esperança.

Mais cêdo o havia ter feito; (se as doenças e desgostos incessantes que me circundam sempre, não me olvidassem; e também pela grande allogia e coação; tornando-me indiferente insencível e cruel; e querendo-me fazer talvez a idolatrada ironia do paganismo;) agradecer cordialmente repito mais uma vêz, beijando a mão da minha Bôa Tia D. Elena, por esmolar pão, e vistir os peregrinos, com toda a fieldade e benevolencia; pondo sempre á vista de todo o mundo, como de toda a gente, uma das virtudes theolegaes, para exemplo da humanidade; deixando fora de duvida, que é por sentimento innato do seu coração, e de nenhum modo por ostentação.

Visitas ao Sen.r Placido José Cabral, ao Sen.r Antonio Augusto Vieira, a Sen.a

D. Jesuina, e egalmente para com a minha Bôa Tia D. Elena, ate um dia com melhor saude, poder-mos matar saudades juntos.

N' esta certeza em que fico com toda a submissão e respeito da minha Bôa Tia D. Elena Jesuina Soares

C. r o V. or M. to Obg. do

Maio 30 de 1893

Caetano José Pacheco do Rego

*

O isolamento em que o cantor viveu, a beleza da voz esquiva que vibrava entre as falésias junto à Praia, assim como o fascínio da sua misteriosa figura, levaram a que dele ficasse uma memória mítica. Ganhou fama de mágico, de energúmeno, até mesmo de adivinho. Teve o poder de predição da morte!

Foi por entre a violência do temporal de uma noite de Outono, que Caetano decidiu regressar a Água de Pau. Dirigiu-se para os lados do Valverde de Cima e bateu à porta da casa da irmã. Foram três toques soles, vagarosos como o bater de quem não tem pressa.

A fúria do mar contra os penedos junto ao areal, parecia redobrar no estrondo de cada vaga. O silvo do vento nos canaviais, era acompanhado pelo esfrangalhar das poucas folhagens que tentavam resistir à investida do equinócio. A própria terra tremia de medo, no meio da escuridão.

Três fortes pancadas na porta de Maria Padeira...tão

tarde! Para lá chegar, Caetano tinha caminhado uma légua inteira sem ver o caminho. A vela de sebo, da lanterna, não resistiu à intempérie. Trepou a Calçada dos Galhardos até junto à ponte sobre a ribeira. Venceu a interminável ladeira do Pisão, como um romeiro agarrado ao cajado, e travou uma persistente luta corpo-a-corpo com o vento que tentava barrar-lhe o caminho. Ao mesmo tempo, do alto das escarpas desabavam calhaus que queriam agredi-lo, quando atravessava as sinistras gargantas daquela estrada.

Maria Padeira e os filhos saltaram das camas. Todos à uma, precipitaram-se para abrir a porta. A água escorria barulhenta, das telhas do beiral, com tamanha abundância como se fosse despejada por tonéis sem fundo. Quando abriram a porta, a silhueta encharcada de Caetaninho da Praia surgiu difusa no meio do escuro da noite. A imagem era apenas iluminada pela escassa chama tremeluzente de um bico de vela, que a irmã segurava em habilidoso equilíbrio para não queimar as pontas dos dedos.

A longa capa de pano já muito roçado, estava trçada sobre o ombro. O chapéu envolvido pelo grande lenço vermelho amarrado ao queixo, ficava com as largas abas negras apertadas contra os lados da cara, de onde saía a barba alisada pelo escorrer da água. Aquela capa, o chapéu de grandes abas e o longo lenço vermelho, eram o único traje com que sempre foi visto após regressar de Itália. O olhar vago e longínquo, também era o único que se lhe conhecia. Lívido, disse ao que vinha, "venho para morrer!".

Quando pela madrugada, tia Elena Jesuina foi chamada a casa da sobrinha, já Caetano delirava e logo se

deixou passar para a eternidade, sem oferecer resistência nem prolongar expectativas.

A predição da própria morte, proclamada por Caetaninho na noite do grande temporal, causou por toda a Vila de Água de Pau um arrepio que atravessou a Praia e chegou até Água d'Alto. O mistério acendeu superstições e gerou assombração. De imediato se percebeu que a pobre casa do cantor, agora deserta e abandonada, não podia deixar de estar assombrada. A lúgubre memória que impregnava aquelas paredes, não permitia que delas se libertassem os suores do padecimento de uma alma incompreendida e solitária.

O ritual purificador, qual "auto-de-fé", não se fez tardar. Músicas avulsas, partituras de óperas, correspondência, livros e demais papéis, foram reduzidos a cinzas que o vento espalhou pelo areal. A população das imediações também fez arder os restos do que fora um piano, assim como a degradada mobília e os demais escassos pertences do defunto artista. Restou apenas uma camisa de bom pano. Maria da Conceição manteve sempre bem passada a ferro, junto ao escanino da arca da roupa branca, aquela prova de afecto do misterioso cantor.

Elena Jesuina Soares, guardou na gaveta da cómoda, na primeira gaveta de cima, aquela que é reservada às saudades, o pedaço de mágoas do sobrinho, essa carta que ele redige vencido pela doença, amedrontado pelas forças da natureza, a lutar por ter fé e agradecido por dez mil reis. Algum tempo mais tarde, a tia terá querido que o seu filho António Augusto, entretanto feito adulto e com profissão de boticário, conhecesse a carta de Caetano. António escreve sem demora:

Minha Boa Mãe

Junto mando a carta do Caetano que ha pouco me deichou para eu ler.

Está muitissimo bem escrita cheia de um fino sentimento manifestando bem a sua vida cheia de infelicidades. Não pude deixar de a copiar para guardar d'ela uma copia, tão bem escrita está. E é a um homem d'estes que a injusta humanidade o quiz aplidar de maluco! Talvez porque não conseguiram comprehender os seus altos sentimentos e educação moral e intelectual (....). Coitado, porque acabou sem ninguem o saber apreciar. Foi mais um infeliz na vida. Será bom guardar sempre com cuidado esta carta como memoria d'elle.

*Do seu filho
Antonio Augusto Vieira*

A carta foi guardada "**como memória d'elle**".

António Augusto obrigou-se ao cuidado de lavar sobre o respectivo envelope, uma referência ao valor do conteúdo. Em letra gorda, de pena bem molhada no tinteiro, esclarece que se trata de:

Carta do meu primo Caetano que nos ultimos tempos viveu num seu predio situado na Praia perto de Vila Franca.

Depois acrescenta, em tom de epitáfio:

Um infeliz – quando se condoiam d'ele admi-

rando a sua paciência respondia Creio que há Deus.

A entoação da frase seria sempre grave e decrescente, tal como Verdi musicou "**Gran Dio, sia gloria a te**", que é o desabafar do rei, ao ver-se rodeado de traidores e sabendo que Elisabete jamais o amou. Idêntico desabafo, foi também a última esperança do amargurado cantor: "**Creio que há Deus**".

*

O eco das árias líricas que Caetaninho cantava ao luar, pertence à memória das agrestes falésias do Lugar da Praia, em Água d'Alto.

Quando os velhos de hoje ainda eram crianças, ouviram contar que no longínquo tempo da infância dos avós deles, a população da Vila de Água de Pau, tinha por hábito encher a mente de beleza através de deslumbrantes saraus de canto. Tais acontecimentos decorriam nesse teatro de ópera a céu aberto, a que chamam Areal Grande.

Entretanto, as marés continuam a repetir a levianidade de expungir as pegadas que uma gaivota solitária costuma deixar nesse areal.

NOTAS:

- I – As cartas de Caetano e de Antônio Augusto, foram amavelmente cedidas, através de cópias, pelo Dr. Hugo Moreira que respeitou a ortografia original.
- II – Maria da Conceição Furtado faleceu em 1970. Já muito idosa, foi entrevistada por Armando Côrtes-Rodrigues, sobre o que recordava da figura do cantor.
- III – Côrtes-Rodrigues, na Crônica "Praia de Água d'Alto", in "Voz do Longe" Vol. II, pág. 149 – Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1974, reconstituiu a vaga recordação da figura do cantor.
- IV – A Certidão de Óbito de Caetano José Pacheco do Rego, indica que o cantor faleceu em consequência de "fractura do colo do fémur" – (Informação fornecida verbalmente, em 1963, por Armanda do Rego Cavalcanti, poetisa e ceramista brasileira, filha de Ernesto do Rego, o sobrinho de Caetano).
- V – Margarida Medeiros (Garoupa) Álvares Cabral, neta paterna do professor de latim, possui por herança de Maria da Conceição Furtado, a camisa oferecida por Caetano.
- VI – A tradução de frases do "libretto" da ópera "Don Carlos", é da responsabilidade do autor.
- VII – As poucas informações transpostas para esta ficção, constam de esbatida tradição oral guardada na memória de raras pessoas, em Água de Pau e em Água d'Alto.



Tomaz Borba Vieira

texto e desenhos

O Carcereiro da Vila e outras estórias



ARTES E LETRAS



Noites de Moscou

Para Dias de Melo



Eram quatro grandes frascos – lindíssimos frascos de vidro transparente – sobre o balcão da minúscula perfumaria do Fernandes. Cada frasco continha um líquido de cor própria, diferente dos outros. Em conjunto, formavam uma combinação cromática cujos reflexos animavam o ambiente desbotado e triste do humilde estabelecimento comercial.

Via-se pela irregularidade do vidro que os frascos eram antigos. Tinham formas parecidas com o perfil da ânfora e, junto à base, uma pequena torneira.

Os secretos corantes, que o Fernandes incluía na manipulação dos perfumes que comercializava, faziam com que o líquido contido em cada frasco se diferenciasse dos restantes. Diferenciava-se apenas pelo colorido. Apesar de não serem iguais à vista, todos eles não passavam de mera diluição de essência de cravo.

De facto, cada frasco guardava um perfume com o mesmo insistente odor dos restantes, embora com designação específica, segundo a cor do líquido que continha: *Noites de Paris* para o perfume cor-de-rosa, *Noites de Roma* para o verde, *Noites de Madrid* para o violeta e, finalmente, *Noites de Moscovo* para o amarelo.

O sedoso papel dos rótulos colados nos frascos era de tom pardacento, desbotado pelo desgaste de muitos anos. Eram rótulos de formato oval, que tinham cercaduras

ornamentadas por um caprichoso desenho clássico com profusão de entrelaçados florais. A antiquada caligrafia, com que cada perfume era designado, desdobrava-se em concórdias lineares numa dança de curvas e contracurvas. A subtileza desses elementos parecia ter a ver com o volátil encanto de sonhos felizes e com o enlevo de perfumadas noites em cada uma das quatro míticas cidades.

A clientela dos perfumes da loja do Fernandes tinha um ar tão humilde quanto ele próprio. Era em grande parte formada por criadas de servir que designavam o conteúdo dos deslumbrantes frascos por *água-de-cheiro*. Também lá entravam, com frequência, umas meninas com o jeito infeliz e o ar estafado de quem pertencia à classe mais desgraçada da vida nocturna da cidade. Umas e outras eram clientes fixas com quem o Fernandes podia contar. Fixas e fiéis excepto a Quiqui Ventura que deixou de aparecer quando conseguiu casar com um septuagenário rico, tresloucado pela própria idade e pelas secretas competências da rapariga. Afirmava ela, com sobranceira e convicção, ter de zelar por si própria, assim como ter de garantir o futuro do afilhado que se encarregara de criar.

Aquela perfumaria não era bem vista por quem vivia por perto. Para além da frequência da loja ser modesta e para além da mercadoria disponível ser precária, o Fernandes pertencia ao grupo das criaturas que jamais se livram das malhas da má fama e da pouca sorte. Era visto com malevolência por muitas pessoas e mordazmente difamado por outras tantas, até mesmo lá para as bandas dos subúrbios onde morava. Conheciam-no como tendo uma incontida

aversão ao clero, que nunca perdia oportunidade de denegrir, tanto na pessoa de qualquer prelado, como na generalidade da classe. Apesar disso, o pobre homem gostava de afirmar que acreditava em santos e demonstrava a sua crença, incorporando Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven, entre os altos dignitários da corte celestial.

O objecto mais precioso que o Fernandes possuía era uma velha grafonola *His Master Voice*, com uma elegante campânula metálica em forma de tulipa. Esse antigo aparelho, assim como alguns livros contendo obras que ele dizia serem da melhor literatura do romantismo, fora herança de antepassados que tinham sido ricos. Porém, o cabedal desses avoengos diluira-se no tempo até dar lugar à angustiante penúria em que o neto se via obrigado a viver.

Ouvir os concertos e as sinfonias de Mozart e Beethoven equivalia, para o Fernandes, à vivência de momentos de ascese e a um profundo prazer estético, apesar do ruidoso arranhar da agulha nas estrias das antigas gravações.

Nesses momentos, ele encontrava as únicas oportunidades de se evadir da rotina dos dias passados atrás dos quatro coloridos frascos de perfume. Dias de espera, quantas vezes em vão, pela chegada de clientes. Sentado junto à grafonola estava tranquilo, imaginava sonoridades interiores que reflectiam a emoção causada pelas obras dos grandes compositores. Isso fazia-o sentir a vibração



da alma que estava viva lá no fundo de si próprio.

Experimentava, então, a leveza de quem vagueia num fluido etéreo como aquele em que o Espírito de Deus terá pairado sobre as águas. Daí, dessas alturas do seu interior, via o Belo a querer atrair o Bem, a querer atrair a Justiça e, mais do que tudo, a querer atrair a Paz. Era como a contemplação do sublime, através dos humildes meios de que dispunha. Isso ajudava-o a tolerar a existência.

A forma de pensar e de sentir do dono da perfumaria provinha de ideias absorvidas na leitura dos livros que herdou. Ele concordava com Guerra Junqueiro, quando o escritor afirma na última das suas "Prosas Dispersas", que: "O génio do Bem e da Beleza teem ambos a mesma essencia de infinito"¹.

Também não lhe terão sido indiferentes outras afirmações do mesmo autor, feitas ao longo dessas "Prosas", tais como a comparação do perfil do artista com os perfis do herói e do santo: "...um grande artista ou um grande heroe é um taumaturgo. S. Francisco, Joana d'Arc e Beethoven fazem milagres"².

De facto, quem compôs sinfonias como as de Mozart e Beethoven, tem de estar no céu. Mais do que isso, entendia o Fernandes, seres como esses dois génios eram o bastante para justificar a existência do paraíso.

Camilo Castelo Branco, com a descrição que fez da perversa personalidade do arcediogo, contribuiu bastante para os fundamentos do laicismo do Fernandes. Apesar disso, também o ajudou na definição de conceitos que

¹ Guerra Junqueiro, in "Prosas Dispersas", Ed. Lello & Irmão, Lda. Lisboa, 1921. (Foi mantida a ortografia original)

² Ídem

tinham a ver com a vida celestial: "O céu ganha-se com os voos do espírito"³, afirmava a bela Maria Elisa, companheira da filha do arcediogo. Com tal afirmação, essa personagem camiliana mostrava-se irredutível perante a obsessão da beata D. Angélica que lhe recomendava entrar para o Carmelo, por ser "uma ordem muito apertada e ganha-se o céu, com a pobreza e a paciência"⁴.

Ideias pouco ortodoxas sobre questões metafísicas, como as que eram oriundas de determinada literatura ou doutrina, uma vez recreadas pelo dono da perfumaria, em nada favoreciam a imagem dele no meio social daquele tempo. Ora era alvo de insultos, ora vítima de manifestações de desprezo, mas isso não o impedia de expressar com desasombro as próprias convicções. Essa postura libertária fez com que sobre ele se fizessem as mais estranhas conjecturas.

Multiplicaram-se desconfianças fundamentadas no facto do Fernandes pensar de forma diferente do vulgo, ou apenas por ele ser dado a pensamentos. A mais perigosa de todas as suspeitas, que então caíram sobre ele, era a de ser simpatizante do bolchevismo, qual agente secreto a soldo de Moscovo...

Não tardou que o dono da perfumaria passasse a ter, confirmada por toda a cidade, a fama de ser bolchevista. Era como se não houvesse qualquer dúvida a esse respeito. Por isso, a polícia política salazarista, de imediato, se convenceu de que o pobre homem era mesmo um militante revolucionário, um perigoso inimigo do Estado. Logo entenderam que se tratava de um energúmeno que convinha ser mantido *debaixo d'olho*.

³ Camilo Castelo Branco, in "A filha do Arcediogo", Ed. Patrocínio António Maria Pereira, Lisboa, 1905. (Foi mantida a ortografia original)

⁴ Ídem

O facto da policia estar convencida fosse lá do que fosse, era igual a estarem confirmadas todas as provas disso mesmo...

A reputação do Fernandes piorou de maneira dramática, quando jamais se esperava que a fama do desgraçado pudesse ficar ainda mais esfarrapada do que já estava. Isso aconteceu no dia seguinte a uma fatídica noite em que a policia política prendeu o chefe do movimento cívico que procurava fazer clandestina oposição à ditadura...

Tratava-se de um jurista, cujo nome de família era conhecido na cidade. Tinham suspeitado que era ele quem promovia a distribuição secreta de certa literatura, que a mente perversa do censor oficial tinha decidido interditar.

A detenção fora feita pela calada da noite.

A mulher do preso e os dois filhos, que ainda nem eram adolescentes, deixaram-se ficar em casa silenciosos durante o resto da noite e durante toda a manhã. Aguardaram o momento que lhes pareceu mais próprio para se manifestarem em público contra a arbitrária prisão. Decidiram fazê-lo por volta da hora de mais movimento na cidade, com o maior número de pessoas nas ruas. Atenderam aos horários das repartições públicas, do comércio e demais actividades próprias da rotina urbana.

Era já principio da tarde quando mãe e filhos decidiram sair de casa a caminho da cadeia. Os esbirros tinham encarcerado o marido e pai, no espaço ocupado por cadastros que cumpriam pena por crimes de delito comum.

O filho mais velho puxava por uma carroça de mão agarrado ao varal, enquanto o irmão mais novo ajudava a mãe, ora a empurrar, ora a amparar a carga que



transportavam: um colchão e almofada, cobertores e roupas pessoais, algumas comidas, livros e jornais. Bem em evidência, como elemento provocatório, seguia um penico dependurado no *fueiro* frontal da pequena carroça.

A encenação empreendida pela mulher do preso apanhou a policia desprevenida e causou grande celeuma por toda a cidade. A noticia correu à boca pequena.

Alguns cidadãos, apesar de se fazerem passar por paladinos da liberdade, fingiram ignorar o acontecimento. Outros, mais corajosos, não terão conseguido calar o sentimento de revolta contra o acto levado a cabo nessa noite,

pelos beaguins do regime político.

De entre os inconformados, evidenciou-se o pobre do Fernandes da perfumaria!

Pouco depois da hora de almoço, a partir do momento em que desfilou aquele insólito cortejo, a perfumaria manteve-se com meia porta fechada. Assim permaneceu o resto do dia, assim continuou até ao fim da manhã seguinte, como num ritual de *bandeira a meia haste* em sinal de nojo e em declarada afronta à polícia.

A porta da perfumaria acabou por ser aberta à força, por intrusos mal encarados que, após cumprirem essa missão com exagerada exibição de violência, partiram com o mesmo ar indiferente e petulante com que tinham chegado.

A única testemunha dessa actuação foi a idosa e pesada senhora de bata preta, que tinha um pequeno negócio no vão da escada ao lado da modesta perfumaria. Dava por Menina Evelina e tinha os dons de ser atenta e discreta. Essa vizinha dedicava-se a reparar, a troco de alguns centavos, malhas caídas nas *meias de vidro* das senhoras que moravam por perto. Também prestava esses mesmos serviços a algumas das clientes dos perfumes fabricados pelo Fernandes.

Além dos coloridos perfumes, com os nomes de quatro cidades famosas, o Fernandes também produzia fixador de cabelo. Era um produto procurado por adolescentes e mancebos cujas posses não lhes permitiam pentearem-se com brilhantina, que era uma especialidade de custo bem mais elevado.

Apesar disso, usar fixador ainda correspondia a uma posição economicamente razoável. Havia muitos jovens que

não podiam comprá-lo. Esses limitavam-se a empastar os cabelos com *sabão macaco*, que era assim chamado por trazer na embalagem a representação de um chimpanzé.

O dito *sabão macaco* após espalhado no cabelo e exposto ao sol provocava, nas zonas mais altas do penteado, umas denunciadoras malhas surradas, que quase conseguiam aloirar.

Por sua vez, a brilhantina alisava o cabelo, deixava-o lustroso e maleável, colado ao coiro cabeludo. Usavam-na o governador civil, outras autoridades e os doutores. Graças à brilhantina, essa gente compunha imagens com penteados lisos, ao jeito do ideal herdado de Rudolfo Valentino, ideal muito divulgado nas fotografias de dançarinos praticantes do tango argentino.

O fixador de cabelo, fabricado pelo Fernandes, constava apenas de mera gelatina animal que se vendia nas lojas de ferragens para produção artesanal da cola usada por carpinteiros, especialmente por marceneiros, mas também por sapateiros e por encadernadores.

Lá no interior da perfumaria a gelatina era diluída em água aquecida sobre a fumaceira de uma improvisada lamparina de petróleo. Nessas ocasiões espalhava-se pelos arredores uma pestilência igual ao feder de penas de galinha queimadas. Esse cheiro repugnante, que impregnava a própria diluição, era depois anulado à custa de uma determinada percentagem da fatal essência de cravo. A mistura ficava completa após lhe ser adicionado um pouco de corante. O colorido aplicado ao fixador variava de acordo com as sobras da última manipulação de *água-de-cheiro* destinada à clientela feminina.

Após os cabelos serem empastados com fixador, o

penteadado tinha de ser executado com rapidez. A gelatina logo secava e endurecia. A partir daí o cabelo ficava petrificado, formando sobre o crânio um autêntico capacete resistente a toda a prova. Não havia intempérie, chuva ou ventania, que compromettesse o rigor da estabilidade capilar.

A rapaziada alinhava a marrafa e o fixador do Fernandes garantia o penteadado para um domingo inteiro. À noite, a rigidez do cabelo ainda resistia ao impacto com o travesseiro, por mais duro que ele fosse.

As clientes das águas de cheiro compareciam sempre munidas de recipientes das mais diversas formas, que o Fernandes atestava com algumas gotas da perfumada química preparada em segredo. Por sua vez, os rapazes traziam o pequeno frasco ou boião obtido para transportar o fixador, igualmente produzido segundo receita secreta.

Era regra da casa que a clientela se apresentasse munida de vasilhame.

No fim de uma tarde de sábado, o Tomé ainda adolescente aguardava que o Fernandes atestasse o frasco destinado ao fixador que, a partir daquela data, ele passaria a aplicar no cabelo. A primeira vez equivalia a uma verdadeira cerimónia iniciática. Chegara a hora da desejada passagem à condição de adulto ou, pelo menos, quase adulto. Tratava-se de um acto simultâneo e complementar de certos rituais como a primeira rapação do bigode.

O rapaz estava atento à perícia que a operação exigia à mão um tanto trémula do Fernandes. Só depois reparou que a designação de *Noites de Moscovo*, tinha desaparecido da superfície do frasco de *água-de-cheiro* amarela.

No lugar do velho rótulo de requintada forma oval, preenchida com caligrafia antiga, estava colado um pedaço de papel de carta pautado, rasgado de forma irregular. Agora lia-se, em caracteres toscos: *Noites de Barcelos*.

A nova designação destoava do conjunto. Era um provocatório atentado contra a suave convivência entre os nomes das quatro famosas capitais europeias, de há muito estabelecida pela modesta indústria de aromas do Fernandes.

O dono da perfumaria reagiu muito mal à pergunta do Tomé, quando o rapaz quis saber que fim tinha levado o rótulo das *Noites de Moscovo*⁵.

Pareceu ao jovem que, com tal despropositada substituição, jamais os odores do frasco amarelo podiam proporcionar sonhos idílicos a algumas clientes afectas ao romantismo moscovita. Era como se, pela ausência do bom gosto dos grafismos do antigo rótulo, estivesse em causa a evocação dos tesouros do Kremlin ou a nostalgia dos ambientes ritmados pelo dedilhar da balalaica.

O Fernandes suspendeu o ritual *alquímico* a que estava atento. O esforçado equilíbrio centrado no frasco do fixador de cabelo foi interrompido com expressão de desagrado. Poisou o frasco com um impulso arrebatado, batendo com o vidro sobre o balcão como fazem nas tascas, com os copos, os bebedores de cachaça após o esvaziar de cada dose.

Sem dizer palavra, apenas com o ruminar de um estranho som gutural, o Fernandes endereçou, ao assustado jovem cliente, um prolongado olhar fulminante. Em silêncio, com uma expressão de desdém, acusava o rapaz ao mesmo tempo de idiota e de inoportuno. Depois abanou a cabeça

⁵ A polícia política salazarista detestava palavras relacionados com o U.R.S.S. (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Quem quer que as pronunciasse era suspeito de ser simpatizante do bolchevismo/comunismo.

no sentido negativo e tinha um ar que parecia de escárnio, enquanto embrulhava o frasquinho de fixador numa mal rasgada quarta parte de folha do semanário "A Ilha".

Atirou a moeda preta, de vinte centavos, do pagamento da dose de fixador, para dentro da desengonçada gaveta, onde o metal caiu fazendo ecoar o som próprio de um espaço vazio. Por detrás do balcão, o pobre homem nem sequer respondeu a uma tímida saudação de despedida do Tomé. Parecia falar com alguém ausente. Tinha as mãos espalmadas sobre o velho e ensebado balcão que suportava os quatro frascos de diluição de essência de cravo, com quatro nomes e com quatro cores diferentes. Cores com que procurava ganhar o sustento, desensombrar e animar um pouco a própria existência.

Uma vez mais, a única testemunha do que acontecera na perfumaria do Fernandes foi a solidária e cautelosa Menina Evelina. Em voz baixa como num abafado murmúrio, ela confidenciou ao Tomé o fim trágico que tinha sido dado ao artístico rótulo evocativo das *Noites de Moscovo*.

Insistiu que este segredo jamais poderá ser revelado a quem quer que seja.

O Fernandes tivera, a meio da manhã, a indesejável visita de dois figurões mal encarados, que, já desde algum tempo, lhe rondavam a porta. Vestiam fato completo; traziam gravata, chapéu, e...

Caluda..., parece que vem aí alguém!

no sentido negativo e tinha um ar que parecia de escárnio, enquanto embrulhava o frasquinho de fixador numa mal rasgada quarta parte de folha do semanário "A Ilha".

Atirou a moeda preta, de vinte centavos, do pagamento da dose de fixador, para dentro da desengonçada gaveta, onde o metal caiu fazendo ecoar o som próprio de um espaço vazio. Por detrás do balcão, o pobre homem nem sequer respondeu a uma tímida saudação de despedida do Tomé. Parecia falar com alguém ausente. Tinha as mãos espalmadas sobre o velho e ensebado balcão que suportava os quatro frascos de diluição de essência de cravo, com quatro nomes e com quatro cores diferentes. Cores com que procurava ganhar o sustento, desensombrar e animar um pouco a própria existência.

Uma vez mais, a única testemunha do que acontecera na perfumaria do Fernandes foi a solidária e cautelosa Menina Evelina. Em voz baixa como num abafado murmúrio, ela confidenciou ao Tomé o fim trágico que tinha sido dado ao artístico rótulo evocativo das *Noites de Moscovo*.

Insistiu que este segredo jamais poderá ser revelado a quem quer que seja.

O Fernandes tivera, a meio da manhã, a indesejável visita de dois figurões mal encarados, que, já desde algum tempo, lhe rondavam a porta. Vestiam fato completo; traziam gravata, chapéu, e...

Caluda..., parece que vem aí alguém!





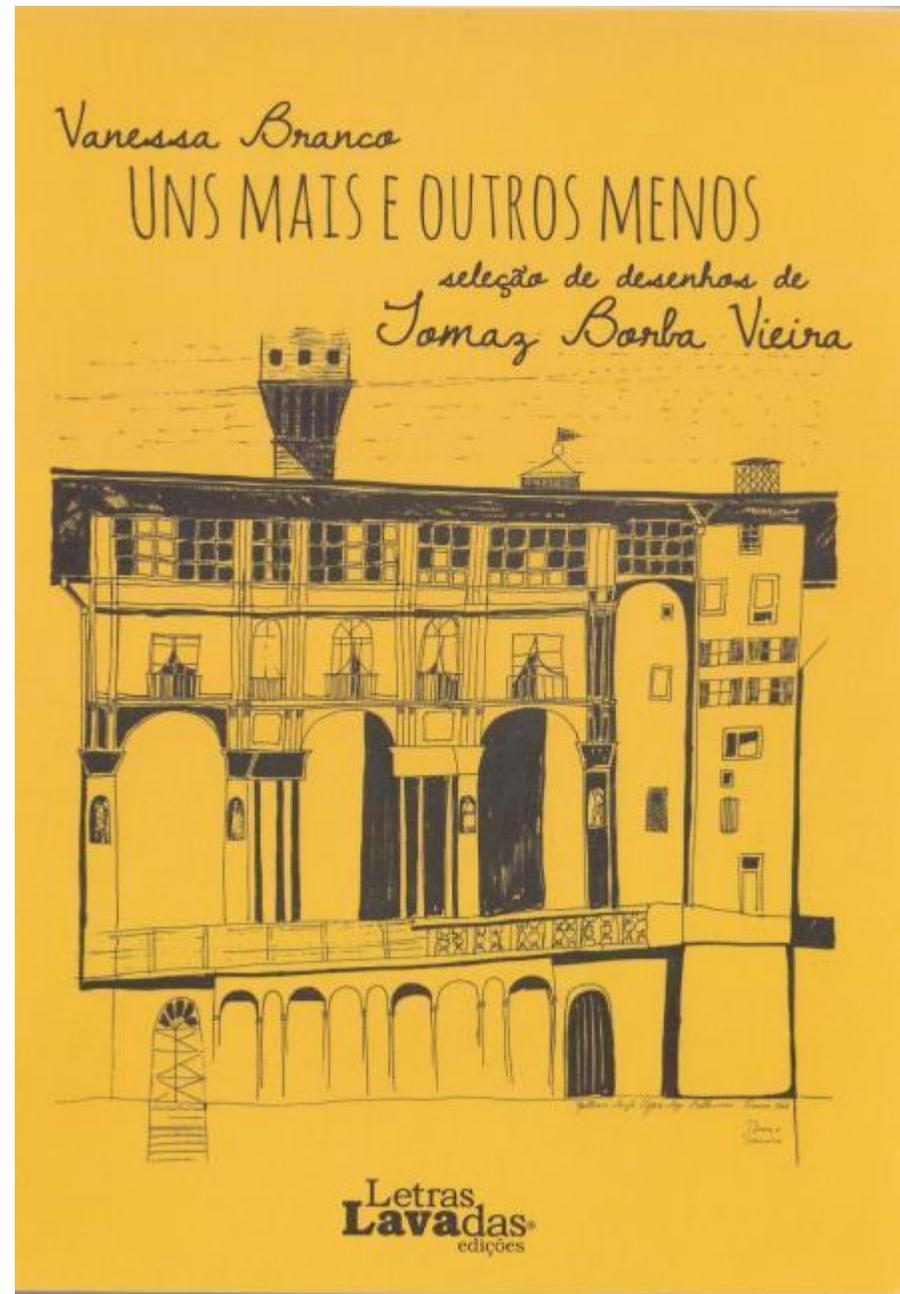
CONVITE

A Empresa Municipal de Lagoa e a Públigor têm o prazer de convidar V. Exª e família para o lançamento do livro **TOMAZ COM Z – a história de uma vida feliz**, baseado na vida de Tomaz Borba Vieira. Da autoria de Teresa Viveiros e Urbano, o livro será apresentado pela professora Doutora Maria Graça Castanho.

A sessão terá lugar na Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira, dia 6 de abril, sábado, pelas 17h00.



PÚBLICOR | Rua Praia dos Sertões, 10 - S. Roque | 9500-706 PONTA DELGADA | S. MIGUEL | AÇÓRES | Telef. 298 630 080 | Fax 298 630 089



BIBLIOTECA MUNICIPAL
TOMAZ BORBA VIEIRA

TERTÚLIA ROMEIROS

A SONORIDADE - A FÉ - A VIVÊNCIA

21 Fev | 20h30 | Entrada Gratuita

Com

Padre João Ponte - A História e a Fé

Ana Carvalho (Mestrado em Etnomusicologia) - A Sonoridade

Mestre Edmundo Botelho e contramestre José Ventura - A Vivência

Exposição de fotografia "Romeiros da Quaresma" de Marcelo Borges



Organização:



Município de Tomaz Borba Vieira

Colaboração:



Rancho de Romeiros
de Santa Cruz

MARCELO BORGES

Tomaz
Borba Vieira
Navegação
Interior
— pequenas
histórias

Letras
Lavadas
edições

O Aranhão

Ao domingo, J.P. ocupava sempre o mesmo lugar na mesma igreja de São Pedro.

É um pequeno templo barroco com uma nave única, demarcando um espaço tranquilo. A junção da nave com o presbitério, na zona onde noutras igrejas passa um transepto, consta de duas paredes que são superfícies convergentes. Assim se faz dirigir os olhares da assembleia para o altar. Aí, a talha tem a cor serena do dourado envelhecido e articula-se na estrutura de um desenho linear de concordâncias suaves sem intenção de exuberância. No alto, uma imagem de São Pedro paramentado de bispo, com uma grande mitra na cabeça e luvas vermelhas calçadas, para segurar as chaves do Céu. Não se trata do retrato da figura bíblica que é o pescador em quem J.P. se habituara a admirar o tom de um protagonismo discreto.

Aquela igreja é, quanto à estatuária, à talha, balaustrada e demais equipamento decorativo ou funcional, uma homenagem ao vegetal que nasce para se tornar árvore e ao artífice que nasce para compreender e dignificar a madeira. São veneradas, desde sempre, as competências necessárias ao desempenho das profissões que se baseiam nesse mister.

Trabalhar a madeira, respeitando as sugestões em que ela própria nos dita a maneira como quer ser tratada, exige uma sensibilidade específica e o conhecimento de uma linguagem própria. O desenho dos veios, que demarcam os canais da passagem da seiva que foi vida, a densidade, a escala, a cor, a espécie vegetal, querem conter, à partida, a génese de uma obra.

Há também que considerar no processo de trabalho em madeira, quer dito artístico ou artesanal, a subtil função de uma diversidade de ferramentas. Cada utensílio deixa, na feitura da obra, a marca do destino para que foi concebido.

Trata-se de ferramentas mágicas, desde sempre usadas no ofício de carpinteiro. São anteriores ao aparecimento da indústria, quando cada artífice produzia os objectos com os quais trabalharia para ganhar o sustento do resto da vida. São instrumentos da mais correcta simplicidade em termos de economia de meios, destinados a uma determinada eficácia e, por isso mesmo, de imediata

relação entre a forma que os define, o material de que são feitos e a função que têm a desempenhar.

Não ficaria mal ao São Pedro das luvas vermelhas e mitra solene da bela igreja barroca, se ele também trouxesse os pobres, escassos e vulgares utensílios de um pescador, embora não contivessem muita beleza. Talvez trouxesse uma irregular pouta de pedra, um remo, bóias e redes, como aquelas que os turistas tanto gostam de fotografar.

Se em vez de São Pedro lá estivesse São José, decerto não deixaria de trazer a sua caixa de bela ferramenta artesanal.

■

J.P. tem o hábito de ficar sentado na sexta ou sétima fila da bancada da igreja, no último lugar da extremidade à esquerda, mesmo junto à parede. Daí, ainda é possível olhar quase de frente a estátua do bispo São Pedro, mas é principalmente um lugar vantajoso para sentir, ora o silêncio ora os acordes ritmados da talha, ou ainda aproveitar para ouvir a harmonia do espaço envolvente.

Esse ambiente é um possível portal para a meditação. Portal fácil de transpor, tão fácil que, ao fazê-lo, nem sempre se dá por isso.

Os elementos femininos e masculinos do coro da igreja chegaram aos poucos e juntaram-se no

recanto onde aguardaram a chegada do maestro. Depois cantaram, demoradamente, um hino sempre com o refrão: *pela manhã as aves cantam acções de graças ao nosso Criador.*

Nada distrai ou perturba a quietude daquele templo, a não ser os fiéis que, aos poucos, se dirigem à missa durante a manhã e provocam alguma forma de ruído. Pode também ser o choro ou o balbuciar de uma criança, as cores espampanantes de um vestido de mau gosto ou uns ombros desnudados onde se suspendem apenas as finíssimas alças de um precário traje de Verão.

Numa manhã de tempo quente e de pouca gente na igreja, quem veio distrair J.P. que, entretanto, meditava na existência do Homem perante Deus e perante o Universo, foi um aranhão. Era um desses pobres aracnídeos cujo corpo mede pouco mais do que uma cabeça de alfinete, e fica situado no ponto de encontro de seis linhas articuladas, lentas e finíssimas, que são membros.

O simpático animal desceu do púlpito dependurado numa finíssima linha de teia brilhante que ia segregando, à medida que se aproximava do nível da cabeça de J.P. Então, parou à altura dos olhos dele, sobrepondo-se exactamente à figura do padre, que estava paramentado de branco, a rezar missa uns metros abaixo da imagem de São Pedro.

O aranhão suspenso não balançava. Pareceu estar fixo, imóvel durante algum tempo.

J.P. experimentou soprar e só isso fez o bicho ter escassos movimentos, apenas com duas das pernas. A teia abanava brevemente embalada pela suave brisa desse sopro experimental. O minúsculo animal não se perturbou, mas, apesar disso, o homem arrependeu-se de o ter incomodado. Não repetiu.

O aranhão permaneceu imóvel durante escassos segundos e logo começou a ensaiar tímidos passos de dança.

Alternadamente, avançava e retrocedia pequenos gestos com cada uma das pernas. Tornava os movimentos quase imperceptíveis, antes de novamente parar e voltar a retomá-los, por curto espaço de tempo.

Depois, alterou o ritmo. Então, de súbito, começaram as pernas a mudar sucessivamente de posição, ora estendendo-se em linha recta, ora retraindo-se ao dobrarem-se sobre si próprias. A seguir, passou a tornar os movimentos cada vez mais amplos, até parar de novo, agora bruscamente, para recomeçar passados alguns segundos.

Assim se iniciaram as paragens entre cada edição de bailados, que passaram a tornar-se cada vez mais irregulares no tempo de duração. Nos intervalos, quer fossem mais longos ou mais curtos, permanecia imóvel.

Sempre que reiniciava a dança, o ritmo passava a acelerar até ao delírio. Assim recomeçava de quando em quando, até que introduziu uma nova

modalidade. Caía vertiginosamente, como que deslizando ao longo do fio de teia, quase até ao chão e subia novamente, agora ao ritmo de um *pizzicato*.

Parecia ter a boa técnica dos violinistas, «dedilhando» aqui com as pernas, rigorosamente só com duas ou três de cada vez, alternando o «toque» naquela teia que servia de corda.

Subiu até ao nível dos olhos humanos.

Por causa da dança daquele insignificante invertebrado, J.P. esqueceu-se das horas. Quando finalmente se lembrou de sair da igreja de São Pedro, o aranhão trepou novamente pela teia até ao seu lugar naquele púlpito ornado de boa talha barroca, que ficava a meia altura da parede.

O coro até parece ter cantado:

– *Pela manhã os aranhões dançam acções de graças ao nosso Criador.*

As duas dimensões

Desde sempre apeteceu a qualquer um poder representar graficamente alguma coisa. Ora com o dedo molhado a desenhar sobre uma pedra lisa, ou com um graveto sobre a areia, com um primitivo buril de sílex sobre uma rocha, com o lápis sobre o papel ou com o pincel sobre uma tela.

Representar alguma figura, definindo-a pela evocação do seu contorno, é uma aspiração das mais vulgares. Aspiração comum no ser humano, desde sempre ou quase sempre, segundo diversos documentos históricos. Ao transferir para fora de si próprio, através de um desenho, a forma que define um determinado ser, o desenhador liberta-se dele por meio desse ritual.

Por isso, Pintura jamais corresponde à obsoleta definição de tintas aplicadas sobre uma superfície. É muito mais do que isso, vai bem mais ao fundo

da questão, quer seja feita com a sofisticada intenção e sujeição técnica de um retratista quer seja resultante da aparentemente aleatória jogada de matéria diversa, sobre uma tela, por parte de um autor informalista.

A superfície de uma tela ou painel é sempre uma barreira desafiadora e rebelde que se assume provocatoriamente intransponível. Assim se protege ela da afronta que resulta de uma primeira abordagem, que facilmente se transforma num combate violento. O artista tem o segredo de como vencer.

O processo da Pintura não se fica pelos impactos com o que parece ser essa barreira intransponível da superfície de uma tela ou de um painel.

A questão surge de outro modo. Trata-se, isso sim, de conseguir passar para o lado de lá dessa barreira branca, embora de maneira oposta àquela pela qual a nossa imagem passa para o outro lado do espelho. Este reflecte uma verdade lúcida, reconhecível, mesmo quando invertida.

Do *lado de lá* da tela está outra coisa. Está uma não verdade e, para mais, por lá anda também o próprio pintor. Pintar é, por isso, apenas o necessário exorcismo capaz de vir a permitir uma simples passagem para o *lado de lá*.

É o próprio quadro que anuncia quando se digna abrir essa passagem. O pintor apenas obedece e o que ele mais aprende, pela vida fora com o

trabalho, é a obedecer. Essas ordens ocultas podem ser dadas sem ou com delongas. O processo também pode vir a ser beneficentemente interminável.

Por vezes, o pintor passa essa tal barreira apenas com rigorosa autorização transitória, não definitiva. Vai, mas tem de voltar. Pode ter de o fazer diversas ou inúmeras vezes.

Nunca se sabe em que momento acontece poder perpassar, definitivamente, o limiar daquela superfície. Dessa mesma maneira enfrenta o perpassar de todas as telas que vai pintando vida adiante.

O fascínio das duas dimensões é a simulação de um lado oculto, lugar instável do pintor e dos duplos de si próprio. Até ver...



